

**CENTRO UNIVERSITÁRIO ACADEMIA  
JORDANO PAULO MAGALHÃES FUZATTO**

**PERSONALISMO E A EDUCAÇÃO: UM ESTUDO DAS CONTRIBUIÇÕES DE  
EMMANUEL MOUNIER**

Juiz de Fora  
2021

**JORDANO PAULO MAGALHÃES FUZATTO**

**PERSONALISMO E A EDUCAÇÃO: UM ESTUDO DAS CONTRIBUIÇÕES DE  
EMMANUEL MOUNIER**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado junto ao Curso de Filosofia  
do Centro Universitário Academia, como  
requisito parcial à obtenção do título de  
Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Pe. Rômulo Gomes  
de Oliveira

Juiz de Fora  
2021

FUZATTO, Jordano Paulo Magalhães.  
**Personalismo e a Educação:** um estudo das contribuições de Emmanuel Mounier. Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial à conclusão do curso de Licenciatura em Filosofia, do Centro Universitário Academia - UNIACADEMIA, realizado no 2º semestre de 2021.

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Pe. Rômulo Gomes de Oliveira (UniAcademia)  
Orientador

---

Profª. Dra. Mabel Salgado Pereira (UniAcademia)

---

Prof. Me. Pe. Laureandro Lima da Silva (UniAcademia)

Examinado em: 29/11/2021

Dedico este trabalho aos meus pais,  
que são sinal de Deus em minha vida  
e me ajudam a cada dia a ser mais  
pessoa.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por me constituir pessoa e por me conceder o dom da vida, pois com seu amor paternal guia e sustenta toda a história.

Aos meus pais Eugênio e Neusa, que me formaram no amor e sempre me incentivaram a ser pessoa livre e independente.

À Diocese de São João del-Rei e ao Seminário Diocesano São Tiago, por contribuírem em minha formação humana e acadêmica, ajudando-me a ser pessoa inteira e integrada.

À coordenadora do curso Prof<sup>a</sup> Me. Regina Lúcia Praxedes de Meirelles, pelo zelo com todos os alunos.

Ao Prof. Dr. Pe. Rômulo Gomes de Oliveira, pelas considerações e orientações sobre o presente trabalho.

Aos professores do curso de Filosofia, pelos ensinamentos e pelas aulas que contribuíram para a minha formação.

À instituição de ensino Centro Universitário Academia, pelo ensino e pela estrutura oferecida.

Ao Prof. Antônio Carlos Santini, pela revisão ortográfica deste trabalho.

Aos meus amigos, pelas conversas, por me ajudarem no meu processo de personalização e, sobretudo, pelas orações.

O acto de amor é a mais forte certeza do homem, o *cogito* existencial irrefutável: Amo, logo o ser existe e a vida vale (a pena ser vivida).

Emmanuel Mounier

## RESUMO

FUZATTO, Jordano Paulo Magalhães. **Personalismo e a Educação**: um estudo das contribuições de Emmanuel Mounier. 61 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Filosofia). Centro Universitário Academia, Juiz de Fora, 2021.

O propósito deste trabalho é analisar o personalismo de Emmanuel Mounier, especialmente o contexto de surgimento, a noção de pessoa e sua contribuição para a educação. Como metodologia utilizamos a pesquisa bibliográfica no livro considerado mais maduro do autor: **O personalismo**, publicado em 1949. Percebendo a crise de seu tempo, Mounier quer recolocar o homem como centro das preocupações do fazer humano. Buscamos esclarecer por que entender o homem como pessoa pode contribuir para a educação. Partimos da hipótese de trabalho de que o ser humano só se realiza e contribui de modo mais pleno para sociedade quando se assume e se desenvolve integralmente em uma comunidade, isto é, como pessoa. O autor propôs um retorno ao homem concreto, e a partir deste homem, influenciado pelo cristianismo, pela fenomenologia-existencial e pelo marxismo, elaborou uma nova compreensão de humanização. Nela, a pessoa é apreendida como centralidade axiológica de todo pensamento-ação. Mounier elaborou um modo antropocêntrico do fazer humano assegurado pela estrutura do universo pessoal – existência encarnada, comunicação, conversão íntima, afrontamento e liberdade, bem como eminente dignidade e afrontamento – por ser a pessoa volume total do homem, a encarnação, a vocação e a comunhão. A proposta mounieriana de educação pauta-se na valorização da pessoa no sentido de despertá-la para sua liberdade e dignidade, e não como algo que aprisiona e adentra a pessoa para o conformismo e reprodução burguesa de educação. Embora Mounier não tenha escrito nenhuma obra especificamente sobre educação, toda a sua obra reflete seu caráter educacional, pois nos faz refletir sobre a existência humana – pessoal e comunitária – oferecendo contribuições e reflexões para se pensar o ser humano diante de uma sociedade desumanizada e, assim, buscar caminhos de humanização e da promoção da dignidade da pessoa humana.

Palavras-chave: Antropologia. Educação. Emmanuel Mounier. Personalismo. Pessoa.

## ABSTRACT

The purpose of this work is to analyze Emmanuel Mounier's personalism, especially the context of its emergence, the notion of person and its contribution to education. As a methodology, we used bibliographical research in the author's most mature book: **The personalism**, published in 1949. Realizing the crisis of his time, Mounier wants to relocate man as the center of the concerns of human doing. We seek to clarify why understanding man as a person can contribute to education. We start from the working hypothesis that human beings only fulfill themselves and contribute more fully to society when they assume and develop fully in a community, that is, as a person. The author proposed a return to concrete man, and from this man, influenced by Christianity, existential-phenomenology and Marxism, he elaborated a new understanding of humanization. In it, the person is apprehended as the axiological centrality of all thought-action. Mounier elaborated an anthropocentric way of human doing ensured by the structure of the personal universe - incarnated existence, communication, intimate conversion, confrontation and freedom, as well as eminent dignity and affront - because the person is the total volume of man, the incarnation, the vocation and the communion. The mounierian proposal of education is based on valuing the person in the sense of awakening him to his freedom and dignity and not as something that imprisons and trains the person for conformism and bourgeois reproduction of education. Although Mounier has not written any work specifically on education, all his work reflects its educational character, as it makes us reflect on human existence - personal and community - offering contributions and reflections to think about the human being in a dehumanized society and, thus, seeking ways to humanize and promote the dignity of the human person.

Keywords: Anthropology. Education. Emmanuel Mounier. Person. Personalism.



## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	09
2	<b>O DESPERTAR PERSONALISTA DE EMMANUEL MOUNIER</b> .....	12
2.1	MOUNIER E A CRISE DA CIVILIZAÇÃO.....	12
2.2	EMMANUEL MOUNIER: TRAJETÓRIA DE VIDA.....	14
2.3	INFLUÊNCIAS RECEBIDAS POR MOUNIER.....	17
2.3.1	<b>Mounier e o Cristianismo</b> .....	17
2.3.2	<b>Mounier e a Fenomenologia Existencial</b> .....	20
2.3.3	<b>Mounier e o Marxismo</b> .....	22
2.4	CONSIDERAÇÕES DA SEÇÃO.....	23
3	<b>A NOÇÃO DE PESSOA EM MOUNIER</b> .....	25
3.1	O TERMO PERSONALISMO .....	25
3.2	A NOÇÃO DE PESSOA.....	26
3.3	AS ESTRUTURAS DO UNIVERSO PESSOAL.....	28
3.3.1	<b>Pessoa e Natureza</b> .....	28
3.3.2	<b>Pessoa e Comunicação</b> .....	31
3.3.3	<b>Pessoa e Recolhimento</b> .....	32
3.3.4	<b>Pessoa e Afrontamento</b> .....	35
3.3.5	<b>Pessoa e Liberdade</b> .....	37
3.3.6	<b>Pessoa e Transcendência</b> .....	38
3.3.7	<b>Pessoa e Engajamento</b> .....	40
3.4	CONSIDERAÇÕES DA SEÇÃO.....	42
4	<b>PERSONALISMO E EDUCAÇÃO</b> .....	44
4.1	PERSONALIZAÇÃO DA RAZÃO.....	44
4.2	EDUCAÇÃO COMO DESPERTAR DA PESSOA.....	47
4.2.1	<b>Educação para a liberdade</b> .....	50
4.2.2	<b>Educação para a responsabilidade: engajamento</b> .....	52
4.3	EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E COMUNIDADE .....	54
4.4	CONSIDERAÇÕES DA SEÇÃO.....	56
5	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	58
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	60

## 1 INTRODUÇÃO

A Europa, no século XX, estava imersa em uma crise de civilização causada por um conjunto complexo de questões sociais, culturais e filosóficas: as duas grandes guerras, o *crash* de 29, os regimes totalitários, tendência ao individualismo, os coletivismos, o capitalismo, o cientificismo e o materialismo. Dessa forma, o ser humano encontrava-se coisificado e sem reconhecimento de sua dignidade: **despersonalizado**.

Nesse contexto de crise, particularmente na França, encontra-se Emmanuel Mounier, com uma profunda inquietação, um inconformismo diante desses problemas que o despertaram para o engajamento pessoal. Em resposta a essa crise, ele propôs um movimento na busca por “refazer a Renascença”<sup>1</sup> (MOUNIER, 2010, p. 119), ou seja, fazer renascer o homem como pessoa – o personalismo. O termo personalismo, como destaca o próprio autor, foi uma novidade. Embora tenha sido usado por Renouvier em 1903, caiu em desuso. É em 1930, na França que o termo reaparece para designar os estudos apresentados na revista *Esprit*<sup>2</sup>.

Para Mounier (2010), a pessoa não é objetivável e nenhuma definição pode retratá-la em sua inteireza. Por não ser um objeto, nunca pode ser tomada como meio, pois ela é o centro para o qual todas as ações devem ser conduzidas. Essa pessoa está inserida em uma comunidade, é encarnada em um corpo, é alguém único dotado de um chamado especial e deve estar em comunhão consigo, com os outros e com Deus; buscando integrar todas as suas dimensões. O que se pode dizer é que a pessoa é o volume total do homem, que se estrutura no universo pessoal: encarnação, vocação e comunhão.

A educação personalista, nesse sentido, é uma educação dialógica que recusa uma formação puramente técnica, valoriza a descoberta das contradições da realidade e o desenvolvimento da pessoa. Para isso, propõe o engajamento para a superação da realidade, e se realiza na formação do homem como pessoa.

---

<sup>1</sup> Tal foi o título do artigo limiar do nº 1 da Revista *Esprit*, em 1932.

<sup>2</sup> Mounier, com um grupo de pensadores inquietos com a situação da época composto por Georges Izard, Déléage, Jean Lacroix, Nicolas Berdiaeff, Denis de Rougemont, René Biot, Paul Ricoeur, entre outros, fundou a revista *Esprit*, que passou a ser o veículo pelo qual o seu pensamento e o de seus colaboradores foram difundidos. Para Mounier, a revista era um instrumento cultural capaz de alcançar muitas pessoas e manter um diálogo fecundo, denunciando a crise instaurada e propondo mudanças.

Neste trabalho, nossos objetivos são: analisar o contexto do **despertar personalista** em Mounier, como ele compreendia a noção de pessoa e qual é a contribuição do personalismo para a educação. Para isso, fizemos uma pesquisa bibliográfica, cujo objeto central é o livro **O personalismo** (2010), do referido autor, publicado em 1949, buscando esclarecer por que entender o homem como pessoa pode contribuir para a educação. Partimos da hipótese de que o ser humano só se realiza e contribui de modo mais pleno para a sociedade quando se assume enquanto tal e se desenvolve integralmente em uma comunidade, isto é, como pessoa.

Para uma melhor compreensão da corrente personalista, da qual Mounier fez parte, utilizamos o livro **Introdução ao personalismo**, de Burgos (2018). O livro **Pessoa, Existência e Educação**, de Peixoto (2009), nos proporcionou uma reflexão ampla das contribuições do personalismo para a educação numa perspectiva existencial. Para termos um conhecimento mais vasto a respeito do pensamento de Mounier com relação à educação, foi usada a dissertação de mestrado **Personalismo e a formação humanizadora: um estudo das contribuições de Mounier**, de Albernaz (2014); bem como o livro organizado por Peixoto (2015) intitulado **Personalismo e formação: contribuições da filosofia personalista de Mounier para a formação**. Para complementar nossa bibliografia, utilizamos os livros de comentadores importantes do pensamento mounieriano, como o livro **O pensamento de Emmanuel Mounier**, de Moix (1968), e **Atualidade do Pensamento de Emmanuel Mounier**, de Lorenzon (1996).

Contudo, o trabalho de Mounier foi pouco sistematizado. Burgos (2018) destaca que o autor foi elaborando seu pensamento aos poucos, por isso é difícil compreender a visão que ele tinha do próprio pensamento. Apenas no final da vida, conseguiu escrever de forma um pouco mais sistemática e filosófica. Mas isso não esvazia a potência inspiradora de suas ideias e nem tira a legitimidade de seu projeto: buscar uma solução para a crise na noção de pessoa. Baseando-se nesse eixo temático, este trabalho se justifica considerando-se as várias situações desumanizadoras que nossa sociedade ainda enfrenta, podendo, esse estudo, ajudar a abrir caminhos de humanização, especialmente no âmbito educacional.

Para isso, em um primeiro momento, apresentamos o contexto de surgimento do despertar personalista, bem como suas principais influências. Depois, discorreremos sobre a noção de pessoa em Mounier, os elementos do universo pessoal e sua

tentativa de fundar um novo humanismo. E, por fim, abordamos algumas contribuições do projeto mounieriano para a educação.

## 2 O DESPERTAR PERSONALISTA DE EMMANUEL MOUNIER

Nesta seção abordaremos a postura de Emmanuel Mounier diante dos desafios de seu tempo, bem como um pouco de sua trajetória e as influências por ele recebidas – cristianismo, marxismo e fenomenologia existencial. Para o autor, era chegado o tempo de **refazer a Renascença**, ou seja, elaborar um projeto social que promovesse a dignidade do homem e a sua humanização.

### 2.1 MOUNIER E A CRISE DA CIVILIZAÇÃO

Segundo Burgos (2018), a palavra mais adequada e decisiva para expressar o sentimento global que deu origem ao despertar personalista, é **crise**. A Europa, no século XX, se encontrava em uma profunda e complexa crise de ordem social, política e econômica, presenciando duas grandes guerras e sofrendo suas implicações, como fome, miséria e precariedade de condições de vida. Vivia-se o auge do individualismo e dos coletivismos, tanto de direita (fascismo e nazismo), como de esquerda (marxismo). O materialismo cientificista era dominante e a crise de valores, percebida por alguns como uma crescente descristianização, despontava como um evento abrangente, que marcaria toda a civilização ocidental.

Nesse contexto sociointelectual, emerge a figura de Emmanuel Mounier, o qual demonstra uma rejeição profunda ao individualismo: o individualista é alheio às necessidades dos outros e fica centrado em si mesmo. Além disso, o capitalismo é a manifestação maior do individualismo, pois sua busca de prazer e lucro distrai o ser humano de sua realização. Nesse sentido, lemos que:

Recuando perante esta angústia nova, e receando as imprudências do desejo, o mundo pequeno-burguês recalca-as por detrás de um abrigo de mediocres satisfações; instaura o reino do individualismo precavido. Durante este tempo, a irrupção súbita das técnicas rompe as fronteiras do indivíduo e dos seus círculos estreitos, e instala por todos os lados os grandes espaços e as relações colectivas. O individualismo desnorteado receia, ao mesmo tempo, a anarquia em que mergulha e o colectivismo que o ameaça (MOUNIER, 2010, p. 18).

O capitalismo e os coletivismos não resolvem os problemas básicos da existência humana, em especial o da liberdade e da humanização. O capitalismo, com o seu modo de vida e sua lógica de produção e acúmulo de bens, impõe ao indivíduo

um valor acima do social, despertando nele o individualismo. Observa-se que o coletivismo com o projeto coletivo global desconsiderava elementos primordiais do ser humano, como a dimensão espiritual do homem e a compreensão do homem como um ser total pertencente a uma comunidade.

Nesses sistemas coletivistas, tanto como o marxismo, o fascismo e o nazismo, o indivíduo não era considerado na sua singularidade; era um mero instrumento a serviço de algo maior: a revolução, o Estado ou a raça. Burgos (2018) salienta que o decisivo era a meta final objetiva e pragmática, ou seja, o humano poderia ser usado como meio para alcançar tal fim, e não ser assumido como o fim em si mesmo, caracterizando-se a práxis revolucionária com uma ética instrumentalista.

Nesse contexto, Mounier inicia o movimento personalista, que buscava ser uma alternativa a favor da pessoa, que tomava do individualismo sua defesa dos direitos do sujeito e, dos coletivismos, sua tensão ética para construir um projeto comum, ambos os fatores considerando a primazia da pessoa diante da sociedade (BURGOS, 2018). Outro aspecto importante dessa crise é a mentalidade positivista e cientificista, em que o método experimental e o conhecimento científico se autodeclaram como única forma de conhecimento válido. Essa mentalidade dominante se tornou bastante problemática para entender o homem. Diante do evolucionismo de Darwin, aliado às obras de Freud, Nietzsche, Comte, entre outros, “o homem não era mais que simples matéria evoluída; certamente muito complexa e sofisticada, talvez até indizível e incompreensível, mas, de qualquer forma, matéria” (BURGOS, 2018, p. 17).

Porém, o comunismo e a visão cientificista não são os únicos problemas. Para Mounier, o capitalismo também se apresentava como um grande perigo para a pessoa, conforme lemos:

Capitalismo e comunismo não resolvem os problemas básicos da existência humana, em especial o da liberdade e da humanização. Observa-se que o coletivismo marxista e socialista com o projeto coletivo global desconsiderava elementos primordiais do ser humano, como a dimensão espiritual do homem e a compreensão do homem como um ser total pertencente a uma comunidade. O capitalismo, com o seu modo de vida e sua lógica de produção e acúmulo de bens, impõe ao indivíduo um valor acima do social, despertando nele o individualismo (ALBERNAZ, 2014, p. 23).

Mounier identificou no sistema capitalista as raízes da **desordem estabelecida**<sup>3</sup>. O primeiro indício dessa desordem é a presença da miséria. Moix (1968), expressando as preocupações de Mounier, afirma que “a propriedade permite o jogo e mascara a injustiça. A miséria esmaga o homem sobre seus problemas essenciais e põe a descoberto, em amplas áreas, os pecados de um regime” (MOIX, 1968, p. 58). Sendo assim, o capitalista se transforma em um ser que vive em função do dinheiro e para o dinheiro. Essa postura provoca problemas sérios à sociedade como o consumismo e individualismo.

Dessa forma, destaca Peixoto (2009) que Mounier percebeu que a desordem não era apenas econômica, mas também política e espiritual. Os coletivismos, as guerras, a mentalidade cientificista, o capitalismo e a crise econômica expressavam uma **crise de civilização**. Sendo assim, seria necessária uma mudança integral da sociedade, ou seja, uma mudança que abrangesse, ao mesmo tempo, a moral, a política e a economia.

## 2.2 EMMANUEL MOUNIER: TRAJETÓRIA DE VIDA

Emmanuel Mounier é fruto desses difíceis tempos. Ele nasceu em Grenoble, França, em 1905, em uma família simples de camponeses. De sua família recebeu uma profunda e singela educação cristã, que marcaria toda a sua vida. Em 1917, quando tinha apenas 12 anos, vive a insegurança, o medo e o pessimismo que dominaram o mundo na Primeira Guerra Mundial. Aos 20 anos, em 1925, com a Europa se refazendo do clima bélico, ele se viu diante de um dilema: cursar medicina para agradar aos pais ou atender sua convicção por uma formação humanista.

Seus pais o mandaram para estudar medicina em Paris, mas dois anos depois abandonou esses estudos pela Filosofia, que considerava sua verdadeira vocação. Depois de participar de um retiro espiritual, Mounier chegou à conclusão de que deveria mudar a orientação de seus estudos, registrando que o seu “retiro foi uma revelação, não da vida interior, que, graças a Deus, a tive em abundância em toda a minha adolescência, mas da verdadeira humildade que eu ignorava e da minha vocação da qual duvidava” (MOUNIER, apud MOIX, 1968, p. 5).

---

<sup>3</sup> Em 1933, em um número da revista *Esprit*, intitulado **Ruptura entre a ordem cristã e a desordem estabelecida**, Mounier lança essa expressão.

Seguindo sua convicção, entrou para o curso de Filosofia em Grenoble. Teve como professor Jacques Chevalier, professor universitário e pensador católico. Segundo Peixoto (2009), podemos dizer que havia laços estreitos entre aluno e mestre que contribuíram muito para a formação de Mounier. Ele deixa clara essa admiração que sentia pelo seu mestre:

Como eu conto com o senhor para educar minha inteligência, conto, da minha parte, com esta vontade perseverante para disciplinar minhas forças e conquistar minha vida... Quem sabe, o contato mais íntimo que venho tendo com o senhor e seu grupo não me fortaleceu, na medida do possível, na confiança que lhe deverei por toda minha vida, e que o bem que poderei fazer não passará de um prolongamento do bem que o senhor faz (MOUNIER, 1988, apud PEIXOTO, 2009, p. 19).

Mais tarde, conhece a obra de Péguy, que foi decisiva na orientação que Mounier assumiu como pessoa e como pensador. Para Peixoto (2009), o que causava mais admiração nele por Péguy era o fato de este ser um homem de pensamento e de ação. Segundo Moix (1968), “Péguy é homem saído do povo, que renunciou à carreira, ao sucesso, [...] que é animado, não pela preocupação de produzir, mas pela de servir” (MOIX, 1968, p. 10). Como veremos a seguir, essa influência que Péguy exerce sobre Mounier o leva a abandonar a carreira universitária e a buscar uma presença mais ativa no mundo. Devido a esse interesse pela obra de Péguy, conheceu e travou amizade com outros pensadores importantes da época, como Maritain, Marcel, Berdiaev e Guitton (BURGOS, 2018).

Nos desdobramentos históricos da vida do autor, em 1935 casou-se com Paulette Leclerq. A vivência do casamento contribuiu para a construção de seu pensamento, trazendo elementos do familiar e da comunidade em família ao personalismo. Albernaz (2014) afirma que o filósofo encontrou na sua esposa alguém com quem podia comunicar-se plenamente. A família, para Mounier, era um modelo de comunidade com vínculos de amor. Do casamento com Paulette, teve três filhas. A primeira sofreu uma encefalite aos sete meses de idade, o que a deixou inconsciente e lhe causou morte prematura. “A esta dura provação o casal soube dar uma generosa e cristã significação” (SEVERINO, 1974, apud ALBERNAZ, 2014, p. 37). Esse momento difícil foi vivido com profundidade humana e espiritual que expressa a coerência de seu pensamento-vida.

Mounier vai-se tornando um líder e, em 1932, reuniu alguns amigos, entre os quais George Izar, Jean Lacroix, Nicolas Berdiaeff, René Biot, e funda a revista



**Esprit.** A revista se torna o espaço e o meio para a divulgação do projeto da almejada renovação política e espiritual. Dessa forma, surgiu o movimento *Esprit*, cujo objetivo era defender a pessoa contra todas as formas de opressão. Segundo Peixoto (2009), esse movimento “nasce do inconformismo de uma nova geração de pensadores com o estado de crise, de angústia e pessimismo que tomava conta da Europa” (PEIXOTO, 2009, p. 21).

A revista **Esprit**, portanto, se tornou o principal meio de divulgação da filosofia personalista, ganhou espaço no cenário social e transformou essa filosofia em esperança de uma nova civilização. Porém, a revista enfrentou muitas dificuldades financeiras e sofreu censura dos nazistas no período em que parte da França estava sob domínio alemão.

No período de dominação nazista na França, o próprio Mounier é perseguido e preso por algumas vezes em 1942. Apesar de estar no ambiente deprimente do cárcere, procurou engajar sua reflexão-ação. Organizou com seus companheiros de cela estudos e debates sobre as obras de Péguy, Maritain, Bergson entre outras questões sociais e políticas (MOIX, 1968).

Após a libertação da França, em 1944, Mounier e sua família retornam a Paris, onde passam a viver em comunidade com um conjunto de famílias amigas que também defendiam os ideais do movimento *Esprit*. É nesse período que ele entra em contato com o que ele chama de “segunda geração” desse movimento intelectual: Goguel, Marrou, Fraisse, D'Astorg, Domenach, Ricoeur. Em dezembro do mesmo ano, é relançada a revista **Esprit**.

No período pós-guerra, a revista se propõe a contribuir para reestruturar política e espiritualmente a Europa e as outras sociedades atingidas pelo clima de pessimismo. Mounier visita vários países para organizar ou reanimar grupos ligados ao movimento *Esprit*. Além disso, publica várias obras: em 1946, *Liberté sous conditions* e *Introduction aux existentialismes*; em 1947, *Qu'est-ce que le personalisme?*; em 1948, *L'éveil de L'Afrique Noire* e *La petite peur do XXème siècle*; e, em 1949, *Le personalisme*, sua última obra (PEIXOTO, 2009).

Em 1949, os problemas de saúde de Mounier se agravam. Neste ano, sofre de uma parada cardíaca, tem sua saúde cada vez mais debilitada e, em 1950, falece com apenas 45 anos. Ele estava apenas iniciando os seus projetos. Apesar do breve período que teve para dedicar-se à organização das linhas mestras do movimento

personalista, deixou-nos um raro testemunho de crença na pessoa e na possibilidade da construção de uma sociedade justa e fraterna.

Nesse sentido, ao longo de sua trajetória de vida, nota-se a sua luta e empenho em favor do ser humano, independente das situações favoráveis ou não. Mounier, pensador e filósofo, encontra elos entre o pensar e o agir de modo coerente, entendendo-se que pensar e agir é engajamento. É ação com compromisso criador de uma nova realidade mais humana. Albernaz (2014) evidencia que por ele pensar a filosofia de modo encarnado, a sua obra e a sua vida se confundem. “Nada há em mim que não esteja imbuído de terra e sangue” (MOUNIER, 2010, p. 23).

### 2.3 INFLUÊNCIAS RECEBIDAS POR MOUNIER

O trabalho de Mounier foi influenciado, além do cristianismo, pela fenomenologia existencialista e pelo marxismo; sempre buscando pensar a pessoa humana, lemos que:

A obra de Mounier está marcada pelas influências de várias correntes, como o Cristianismo, no seu sentido mais revolucionário e autêntico; a Fenomenologia Existencial, na dimensão da concepção dialética entre homem e o contexto natural e cultural, o ser-aberto-ao-mundo de modo intencional, e o Marxismo na visão de Marx sobre a práxis e nas concepções sobre alienação. Mounier buscou repensar estas correntes de pensamento, vinculando-as à sociedade de seus dias e, assim, propôs um novo modo de pensar a pessoa humana (ALBERNAZ, 2014, p. 85).

O pensador buscou um diálogo franco e crítico com essas correntes de pensamento, reconhecendo suas contribuições para o desenvolvimento do personalismo, mas também apontando incoerências. Apresentaremos alguns aspectos desse diálogo de Mounier com o cristianismo, a fenomenologia existencial e o marxismo.

#### 2.3.1 Mounier e o Cristianismo

Mounier, enquanto pensador cristão-católico, se mostrou inquieto com relação ao modo de vida dos cristãos de seus dias, sobretudo a realidade da Igreja Católica, e os criticou por estarem envolvidos na **desordem estabelecida**:

Os compromissos do cristianismo contemporâneo acumulam várias sobrevivências históricas: a velha tentação teocrática do domínio das consciências pelo Estado; o conservadorismo sentimental que liga o destino da fé a regimes caducos; a dura lógica do dinheiro que guia o que deveria servir. Por outro lado, em reacção contra estas nostalgias e estas adesões, uma coqueteria frívola prende-se aos êxitos do dia. Quem deseja preservar a robustez dos valores cristãos deve organizar, em toda a parte, a ruptura do cristianismo com estas desordens estabelecidas (MOUNIER, 2010, p. 140).

Sendo assim, percebemos que Mounier desejava que a Igreja Católica e os cristãos reassumissem o compromisso das comunidades cristãs primitivas, que tinham como preocupação a pessoa, a comunidade, a evangelização, a justiça e a fé em Deus: ele gostaria de que a Igreja estivesse ao lado do povo pobre e oprimido. Possuía também a preocupação de que este comprometimento da Igreja com as questões sociais não viesse cair num politicismo, esquecendo a sua função espiritual. Segundo Moix (1968), o princípio essencial para Mounier é que “o cristianismo comanda um espírito político, mas não comanda uma política” (MOIX, 1968, p. 308). Nesse sentido, é falso esperar que o cristão receba da Igreja soluções prontas; é necessário, antes, que cada um aprenda o seu papel como homem em ação: a transcendência do cristão e da Igreja se mostra nesta ação apreendida. O confronto com o real move o cristão à ação e é neste lugar, o da ação, que se dá o movimento espírito-corpo em direção à transcendência. “Transcendente será sempre tensão e luta com o mundo. Encarnada<sup>4</sup>, deverá sempre buscar sua sempre fugidia intimidade com o mundo” (MOIX, 1968, p. 320). Mas, afinal, em linhas gerais, o que há de especificamente relevante no pensamento cristão que foi assumido pelo personalismo?

Mounier (2010) parte de Sócrates ao afirmar que o **Conhece-te a ti mesmo** foi a primeira grande revolução personalista conhecida. Os filósofos gregos, em geral, apreciam apenas o pensamento impessoal e a sua ordem imóvel, que rege a natureza e as ideias. Sendo assim, Sócrates ao propor uma reflexão sobre a própria pessoa – chamando-a a conhecer-se – muda os rumos do pensamento filosófico da época. Porém, é com o cristianismo que uma noção de pessoa se desenvolve e se torna um escândalo para a filosofia impessoal dos gregos.

---

<sup>4</sup> Para Mounier, o tema da encarnação é muito importante para estruturar o pensamento personalista. Pela Encarnação de Cristo é que se mostra o sentido restaurador da Igreja ao mundo, as tensões vividas pelos cristãos e pela Igreja são contínuas nela. Veremos esse tema mais detalhadamente do próximo seção.

Em Platão, por exemplo, o qual nos oferece o ícone da antropologia grega fundamental, a alma individual se reduz a uma participação na ideia de natureza, ou seja, essência eterna. Para Plotino, por sua vez, a multiplicidade era um problema, pois a salvação seria um retorno ao Uno e ao Intemporal. Daí o tamanho do escândalo do cristianismo afirmar um Deus Pessoal que cria múltiplas pessoas por amor:

Acima das pessoas não reina a tirania abstrata de um Destino, de um céu de Ideias ou de um Pensamento impessoal, indiferentes aos destinos individuais, mas um Deus pessoal, embora de modo eminente, um Deus que “pagou com a sua pessoa” para assumir e transfigurar a condição humana, e que propõe a cada pessoa uma relação singular de intimidade, uma participação na sua divindade: um Deus que não se afirma, como pensou o ateísmo contemporâneo (Bakunine, Feuerbach), pelo que arrebatava ao homem, mas outorgando-lhe, pelo contrário, uma liberdade análoga à sua e retribuindo-lhe generosidade por generosidade (MOUNIER, 2010, p. 13, grifo do autor).

Segundo Albernaz (2014), “as contribuições do cristianismo para o pensamento personalista de Mounier se mostram na noção de pessoa” (ALBERNAZ, 2014, p. 89). Na obra **O personalismo** (2010), o autor elenca alguns paradoxos do pensamento cristão que se desdobram na noção de um absoluto e sua multiplicidade. O pensamento cristão traz para o personalismo a noção da criação *ex nihilo*, ou seja, de que o mundo foi criado por Deus do **nada**, da não existência; e essa criação se tornou múltipla. Eis o paradoxo para a compreensão dos filósofos de seu tempo: a criação a partir do não concreto. Esse não concreto não é no sentido da abstração, mas o que Mounier (2010) chamou de atos de amor singulares, ou seja:

O Ser supremo que os traz à existência por amor já não compõe a unidade do mundo pela abstração de uma ideia, mas por uma capacidade infinita de multiplicar indefinidamente estes actos de amor singulares. Longe de ser uma imperfeição, a multiplicidade, nascida da superabundância, acarreta em si a superabundância pela troca indefinida do amor (MOUNIER, 2010, p. 13).

Sendo assim, a grande novidade do cristianismo, e que Mounier assume no personalismo, é que o ser humano deixa de ser o cruzamento de realidades gerais, como matéria e ideias, para ser “um todo indissociável cuja unidade supera a multiplicidade, porque tem a sua raiz no absoluto” (MOUNIER, 2010, p. 13). Essa compreensão da pessoa como um absoluto evidencia que a pessoa é um ser que tem como referência um Deus criador, que é ele próprio pessoa, “um Deus que ‘pagou com a sua pessoa’ para assumir e transfigurar a condição humana, e que propõe a cada pessoa uma relação singular de intimidade, uma participação na sua divindade”

(MOUNIER, 2010, p. 13, grifo do autor). Assim, Deus se revela não mais como um ser tirano que traz para o homem seu destinatário, “mas outorgando-lhe, pelo contrário, uma liberdade análoga à sua e retribuindo-lhe generosidade por generosidade” (MOUNIER, 2010, p. 13).

### 2.3.2 Mounier e a Fenomenologia Existencial

A fenomenologia e o existencialismo também exerceram influência no pensamento personalista de Mounier. A pessoa, em sua totalidade, é inacessível a uma abordagem positivista e racionalista. Segundo Peixoto (2010), a fenomenologia surgiu como uma tentativa de superar a dicotomia – introduzida pelo racionalismo, pelo empirismo e pelo positivismo – entre sujeito e objeto, entre homem e mundo e entre subjetivo e objetivo. Nesse sentido, lemos que:

O personalismo é uma filosofia que afirma o valor da pessoa enquanto valor absoluto. [...] A existência humana é o ponto de partida e o postulado fundamental do personalismo. Isto significa que há, nessa perspectiva, uma prioridade da existência sobre a natureza humana, entendendo-se esta como um dado “ontológico definitivo”. Esta postura é uma exigência de reformulação epistemológica, que significa, no interior do personalismo, a tentativa de elaboração de uma fenomenologia da existência, situada entre o objetivismo radical da ciência e o subjetivismo da metafísica (PEIXOTO, 2010, p. 455, grifo do autor).

Para Mounier, o personalismo não pode se fundamentar numa psicologia cientificista, centrada numa orientação analítica e objetivista. A abordagem do ser pessoal nos exige mais do que estabelecer relações objetivas e lógicas. Nesse sentido, a fenomenologia nos ajuda a abordar o ser pessoal e a perceber o mundo de outra forma: há uma relação dialética entre o homem e o mundo. Este **mundo**, de que fala a fenomenologia, deve ser entendido como o produto das relações humanas e das relações homem-natureza: o mundo da cultura.

Isso significa que, para a fenomenologia, afirma Peixoto (2009), o mundo não deve ser visto apenas com base no econômico, na política, na ideologia, na luta de classes, mas de maneira completa, total. Mounier (2010) evidencia essa postura de que o ser é tomado por inteiro, quando afirma que no homem “as duas experiências não estão separadas – *existo subjetivamente, existo corporalmente* – são uma só e mesma experiência” (MOUNIER, 2010, p. 31, grifo do autor).

Mounier, sendo cristão e defensor da existência humana, não se opôs à filosofia da existência, mas sim, contra uma das manifestações dessa filosofia: o existencialismo da apologia ao ateísmo e ao nada, que era identificado no pensamento de Sartre. Com relação à demasiada preocupação do existencialismo com a interioridade, subjetividade e isolamento, ele responde pela relação dialética entre os valores da objetividade e da subjetividade, da exterioridade e da interioridade, da pessoa e da comunidade, do recolhimento e da comunicação.

Segundo Moix (1968), o que distingue o existencialismo do personalismo é:

[...] a confusão frequente que faz o primeiro entre o trágico e o desespero; o fracasso total da comunicação e a impossibilidade de fundar a comunidade; a interioridade mal compreendida que assinala uma volta ao individualismo; a negação da natureza humana; a negação da História; a idéia de uma liberdade sem limites e, por vezes, sem finalidade; a dissolução da verdade na subjetividade; a desconfiança excessiva da razão; o niilismo filosófico; e, sobretudo, a recusa sistemática da objetividade, que termina na recusa das mediações, da ciência, da técnica, da organização e marca ao idealismo (MOIX, 1968, p. 222).

Percebemos, assim, que o personalismo defende a reconciliação da existência fragmentada. O abismo e a solidão da existência são condições da afirmação do humano, já que a tarefa do homem como pessoa é transcendê-los. Porém, para o existencialismo ateu, há apenas o desespero: tudo é absurdo. Contrapondo-se ao olhar frio de Sartre, Mounier olha para a humanidade com um olhar acolhedor, confiante, cheio de esperança na pessoa e na possibilidade de uma sociedade humana.

É a partir dessa perspectiva fenomenológico-existencial que o personalismo se fundamenta metodologicamente. Segundo Peixoto (2009), Mounier não evidenciou essa aproximação entre o personalismo e a fenomenologia, porém ela está presente em toda a obra: “Isso fez com que, dessa aproximação, surgisse o método fenomenológico personalista, volta-se para o ser pessoal, ser este entendido como um mistério, pois nunca é captado inteiramente” (PEIXOTO, 2009, p. 12). Isso se dá porque no sujeito há mais que o sujeito, em virtude do fluxo subjetivo da vivência. Por isso, o personalismo procura dar um sentido mais existencial, que traduz o ser da pessoa enquanto **existência situada**.

### 2.3.3 Mounier e o Marxismo

O pensamento marxiano exerceu e exerce profunda influência no pensamento e na sociedade contemporânea. Essa corrente de pensamento passou a ser vista por muitos como um caminho de libertação e de superação da opressão provocada pelo sistema capitalista. Mounier tinha consciência da importância do marxismo e, por isso, assumiu um diálogo com o pensamento de Marx: fez duras críticas a ele, mas se recusou a assumir uma postura antimarxista.

Para Mounier (2010), a importância de Marx na contemporaneidade reside no fato de que ele “denuncia as mistificações para que o [homem moderno] arrastam as estruturas sociais enxertadas na sua condição material, e lembra-lhe que o seu destino não reside apenas no seu coração, mas nas suas mãos” (MOUNIER, 2010, p. 17). Mounier (2010) destaca ainda que a revolução marxista “incita todo o pensamento contemporâneo a distanciar-se das mistificações idealistas, a basear-se na condição comum dos homens e a ligar a mais alta filosofia aos problemas da cidade moderna” (MOUNIER, 2010, p. 19).

O marxismo possui bases teóricas sofisticadas fundadas nas análises sociais de Marx, que afirmou: “Os filósofos não fizeram mais que interpretar o mundo de forma diferente; trata-se porém [sic] de modificá-lo” (MARX, 1999, p. 8). O marxismo se destacou por sua radicalidade e principalmente por sua conjunção de teoria e práxis, tema muito importante no personalismo mounieriano. A admiração de Mounier pelo marxismo residia principalmente pela preocupação de engajamento, de presença, de transformação da sociedade. Marx não se contentou apenas em criticar o idealismo hegeliano teoricamente, mas, sobretudo, inserindo essa crítica na realidade social e histórica.

Nesse sentido, embora Mounier fosse contrário ao marxismo<sup>5</sup>, ele sempre o considerou em suas análises. O marxismo se dirigiu às massas oprimidas pelo capitalismo, propondo-lhes a luta de classes. Para isso, o decisivo seria a meta final, ou seja, a revolução; e a pessoa seria um meio para se alcançar esse fim. Essa práxis revolucionária que instrumentaliza a pessoa é completamente rejeitada por Mounier (BURGOS, 2018).

---

<sup>5</sup>Mounier apresentava duas tendências opostas com relação ao marxismo: atração pelo movimento pela sua preocupação com a práxis e ideias sociais e rejeição teórica de seu materialismo e sua antropologia (BURGOS, 2018).

O grande problema do marxismo para Mounier é que, na perspectiva marxista, a pessoa não é o centro ou o fundamento de seus projetos; a pessoa, para o marxismo, seria simplesmente um instrumento colocado a serviço do projeto do Estado. Segundo Peixoto (2009) a:

falta de uma preocupação com a pessoa pode ser um dos motivos que levaram o movimento socialista a instituir regimes autoritários que anularam a liberdade individual. [...] O fracasso dos regimes socialistas comprova o erro denunciado pelo personalismo (PEIXOTO, 2009, p. 54).

## 2.4 CONSIDERAÇÕES DA SEÇÃO

Diante da crise que vivia e dessas influências, Mounier se viu em “um dilema que o angustiava: escolher entre uma vida de pesquisa acadêmica e uma vida em que o pensamento impulsionasse à ação” (BURGOS, 2018, p. 81). Essa tensão entre teoria e práxis sempre esteve presente na vida dele: queria uma transformação social, abandonou a academia para transformar a sociedade (BURGOS, 2018). Nesse impulso para a práxis, após deixar a academia, fundou a Revista *Esprit*, em 1932, que foi o principal meio de divulgação das ideias personalistas.

Essa crise vivida pela Europa foi fruto de um projeto racionalista instrumental ou de despersonalização, conforme afirma Mounier (2010). No campo intelectual houve uma rejeição à transcendência e as raízes cristãs; e um impressionante crescimento de posições relativistas e niilistas. No aspecto econômico vivia-se o *crash* de 1929 e um capitalismo desumano. No âmbito social, havia crises e guerras. O ser humano estava coisificado e desumanizado: a racionalidade e o mundo tecnológico não corresponderam às necessidades humanas. Nesse contexto:

Já não se sabe o que é o homem, e como hoje o vemos atravessar transformações espantosas, pensa-se que não há natureza humana. Para uns, isso traduz-se assim: tudo é possível ao homem, e reencontram uma esperança; para outros, tudo é permitido ao homem, e soltam-se todas as rédeas; por último, para outros, tudo é permitido quanto ao homem, e eis-nos em Buchenwald<sup>6</sup> (MOUNIER, 2010, p. 119).

Logo, era necessário, como destaca Burgos (2018), uma construção nova e audaz, capaz de abrir novos caminhos para a humanidade em crise. Para Mounier

---

<sup>6</sup> Buchenwald foi um campo de concentração nazista localizado no leste da Alemanha.



(2010), era chegado o tempo de **refazer a Renascença**, ou seja, elaborar um projeto social que reconhecesse a dignidade do homem e favorecesse a sua humanização. É nesse sentido que o novo humanismo em Mounier é um renascimento do homem concreto, “situado na relação constitutiva e axiológica com o eu-Tu, em totalidade, implicado a [sic] uma revolução que forme uma nova compreensão de pessoa e de comunidade, uma chamada à libertação humana” (ALBERNAZ, 2014, p. 9).

No processo de personalização e do descobrir-se pessoa, a comunidade tem um papel importante. Como evidencia Burgos (2018), é necessário “relacionar-se de tal maneira que se crie um ‘nós’ fruto de viver um projeto comum” (BURGOS, 2018, p. 93, grifo do autor). Este novo entendimento antropológico, o despertar da pessoa, humaniza o homem, e este, ao humanizar-se, humaniza o mundo e as relações, inclusive as de produção: “a produção só tem valor mediante seu fim mais elevado: o advento de um mundo de pessoas” (MOUNIER, 2010, p. 34). Sendo assim:

No refazer a Renascença, há uma proposta político-econômico-social centrada na pessoa, para cuja formação tudo deve convergir. Para se compreender a humanização do homem, é necessário perpassar a tríade de seu volume total, de seu desenvolvimento pleno – encarnação, vocação e comunhão –, caracterizado na estrutura do universo pessoal em processo histórico (ALBERNAZ, 2014, p. 10).

Nisso consiste o despertar personalista em Mounier: educar um mundo em crise para que esteja voltado para a inteira realização da pessoa. Para isso, torna-se necessário entender o que é a noção de pessoa e, sobretudo, sua implicação na renovação de valores, assentada na dignidade da pessoa e assegurada pela estrutura do universo pessoal, por ser a pessoa volume total do homem, a encarnação, a vocação e a comunhão; o desenvolvimento pleno do homem como um ser total pertencente a uma comunidade. É o que abordaremos a seguir.

### 3 A NOÇÃO DE PESSOA EM MOUNIER

Nesta seção vamos buscar compreender a noção de pessoa em Mounier (2010). Partimos da origem do termo personalismo e passamos por todas as **estruturas do universo pessoal**, que se desdobram em existência encarnada, comunicação, conversão íntima, afrontamento e liberdade, bem como eminente dignidade e afrontamento. Ao tematizar o universo pessoal com o intuito de compreendê-lo, e também com a preocupação de não o reduzir a um objeto que pode ser decomposto, o autor delinea a sua concepção sobre a pessoa.

Com essa orientação, é possível apreender aí uma antropologia filosófica que procura compreender o homem como pessoa. Entretanto, essa dimensão antropológica não visa apenas a uma teorização do universo pessoal. A elaboração da teoria tem a finalidade de se constituir em um instrumento prático de afirmação do caráter absoluto da pessoa. Por entender que a pessoa não é um objeto, Mounier não assume a intenção de defini-la de forma rigorosa e fechada. Para ele, só podemos conhecer a pessoa vivendo a experiência pessoal (MOUNIER, 2010).

#### 3.1 O TERMO PERSONALISMO

Para uma melhor compreensão do movimento personalista, é necessário entendermos como surgiu o termo **personalismo**. No livro **O personalismo** (2010), o próprio autor afirmava que o termo personalismo era uma novidade; embora tenha sido usado por Renouvier em 1903, caiu em desuso (MOUNIER, 2010). Em 1930, na França, em meio à crise política e espiritual em que estava imersa a Europa, o termo reaparece para designar os estudos apresentados na revista **Esprit**. Como vimos no capítulo anterior, como uma forma de superar a crise de seu século, Mounier, em 1932, lançou o movimento personalista na França. A principal forma de divulgação de suas ideias, como vimos, foi por meio da revista **Esprit**. Entretanto, embora o termo personalismo seja recente, enxerta-se, como vimos, “numa longa tradição” (MOUNIER, 2010, p. 7).

O personalismo de Mounier, de modo geral, “é um modo de vida, uma inspiração” (ALBERNAZ, 2014, p. 44), que tem como experiência fundante o valor absoluto da pessoa humana. Sendo assim, a característica principal desta inspiração é o que é **a pessoa**. A noção de pessoa, por ser central, é estruturante do ser humano.

Essa centralidade da noção de pessoa no personalismo nos é evidente. Porém, o que não é tão evidente é o modo como se estabelece essa centralidade. É possível, com efeito, segundo Burgos (2012), falar da centralidade da pessoa em uma determinada filosofia em dois sentidos diferentes: uma centralidade genérica e, outra, estrutural.

Por centralidade genérica entendemos que, neste tipo de filosofia, reconhece-se no homem um valor singular, uma dignidade e um papel importantes, como nas filosofias social, política, da história, entre outras (BURGOS, 2012). O personalismo, entretanto, não limita a noção de pessoa a essa centralidade genérica; o personalismo dá à noção de pessoa uma **centralidade estrutural**. Dessa forma, “a pessoa não constitui simplesmente uma realidade relevante, mas o elemento de experiência e de noção de que depende e ao redor da qual se constrói o andaime conceitual deste tipo particular de filosofia” (BURGOS, 2012, s/p). Veremos, a seguir, como Mounier desenvolveu essa noção.

### 3.2 A NOÇÃO DE PESSOA

Ao propor as diretrizes básicas do personalismo, Mounier coloca a pessoa como núcleo de suas preocupações. Nesse sentido, a pessoa passa a ser o centro orientador da ação e da reflexão do movimento. O autor destaca que a afirmação central do personalismo é “a existência de pessoas livres e criadoras”, o que “introduz no coração destas estruturas um princípio de imprevisibilidade que desaloja toda a vontade de sistematização definitiva” (MOUNIER, 2010, p. 8).

Sendo assim, é necessário demonstrar como Mounier entende a noção de pessoa. Esta é uma noção antiga de origem cristã, que, embora fosse conhecida, havia sido pouco utilizada. Ao retomar a noção de pessoa, não apresenta o conceito de modo a fechá-lo. Para Albernaz (2014), “o ‘conceito’ é apresentado de modo perspectival, não sendo mostrado por completo, o que deixa subentendido algo mais do que o declarado” (ALBERNAZ, 2014, p.44, grifo do autor). Nesse sentido, lemos que:

Eis o meu vizinho. Tem do seu corpo um sentimento singular, que não posso experimentar; mas posso olhar este corpo a partir de fora, examinar seus humores, as suas hereditariedades, a sua forma, as suas doenças, em suma, tratá-lo como uma matéria de saber fisiológico, médico, etc. Ele é funcionário que posso estudar *no* seu caso, embora eles não sejam *ele*, na sua inteireza e na sua realidade englobante. É ainda, de igual modo, *um* Francês, *um*

burguês ou *um* maníaco, *um* socialista, *um* católico, etc. Mas não é *um* Bernard Chartier: é Bernard Chartier. As mil maneiras de eu poder determiná-lo como *um* exemplar de uma classe ajudam-me a compreendê-lo e sobretudo utilizá-lo a saber como comportar-se na prática com ele. Mas são apenas perfis tomados, de cada vez, sobre um aspecto de sua existência. Mil fotografias amontoadas não constituem um homem que caminha, que pensa e que quer (MOUNIER, 2010, p. 9, grifo do autor).

Diante dessa citação, compreendemos que, para Mounier (2010), “a pessoa não é um objeto, nem mesmo se considerado o objeto mais maravilhoso do mundo” (MOUNIER, 2010, p. 10). Sendo assim, podemos definir apenas objetos exteriores ao homem. A pessoa não pode ser objetificada porque “nada do que a exprime a esgota, nada do que a condiciona a subjuga” (MOUNIER, 2010, p. 10). A existência da pessoa é dotada de um carácter absoluto que não pode ser apreendido. Ora, assim, a pessoa definitivamente não é um objeto. Pode-se dizer muitas coisas sobre uma pessoa, mas são apenas aspectos da sua existência.

Nesse sentido, a elaboração teórica do personalismo tem a finalidade de afirmar o carácter absoluto da pessoa. Peixoto (2010) destaca que “Mounier [...] não assume a intenção de defini-la [a pessoa] de forma rigorosa e fechada. Para ele, só podemos conhecer a pessoa vivendo a experiência pessoal” (PEIXOTO, 2010, p. 459), ou seja, existindo como pessoa concreta e conscientemente. Porém, nem por isso lhe remetemos ao indizível. Peixoto (2010), ao responder à questão sobre o que é a pessoa, afirma, citando Mounier:

Ao responder esta questão, ele [Mounier] começa dizendo o que não é a pessoa: não é indivíduo, pois este é *egocêntrico*, *avaro* e *singular*; não é consciência que alguém tem de si mesmo, já que cada homem cria várias representações de si. A pessoa é um absoluto. Isto significa que a pessoa vale por si mesma. Ela é dotada de dignidade intrínseca (a dignidade humana). A pessoa nunca poderá ser um *meio*, terá que ser sempre um *fim*. A pessoa, na visão personalista, é um ser integral, ser dotado de corpo e alma, desejos, liberdade, responsabilidade, transcendência. Enquanto tal, é capaz de conhecer, de decidir, de responsabilizar-se. Entretanto, estas capacidades não são dadas, são construídas nas relações que o homem mantém consigo, com os outros, com Deus, com o meio natural e social (PEIXOTO, 2010, p. 459, grifo do autor).

Nesse sentido, a estrutura do universo pessoal de Mounier, na perspectiva tridimensional, apresenta a seguinte configuração: a encarnação; a vocação realizada na eminente dignidade e na conversão íntima; e a comunhão, que acontece pela comunicação e pelo afrontamento em uma comunidade. Esta estrutura compreende o volume total do homem: a pessoa. Essa elaboração sobre as dimensões da pessoa,

o autor a fez na obra **O personalismo** (2010). Para aprofundar essas dimensões, parte da noção de pessoa e analisa à sua volta o universo por ela edificado e identifica “nos diversos planos a cujo respeito nunca se esquecerá que eles são tão-só incidências diferentes numa mesma realidade” (MOUNIER, 2004, p. 20).

### 3.3 AS ESTRUTURAS DO UNIVERSO PESSOAL

Para compreender melhor sobre a pessoa, Mounier (2010) esclarece sobre as **estruturas do universo pessoal**, que se desdobram em existência encarnada, comunicação, conversão íntima, afrontamento e liberdade, bem como eminente dignidade e afrontamento. Sendo a pessoa “um centro de reorientação do universo objectivo, resta-nos fazer girar a análise à volta do universo por ela edificado. [...] Cada um tem a sua verdade só enquanto ligado a todos os outros” (MOUNIER, 2010, p. 20). Sendo assim, é nesta dinâmica que o autor delinea a sua concepção sobre a pessoa e a vida comunitária, afinal o mistério de cada pessoa só está acessível através da união com as outras pessoas. Veremos, a seguir, cada uma dessas estruturas propostas por Mounier (2010) de forma mais detalhada.

#### 3.3.1 Pessoa e Natureza

A pessoa, no personalismo, não pode ser entendida como uma realidade separada do mundo, mas como uma realidade encarnada na natureza. A encarnação evidencia a dimensão corporal da pessoa, sendo a **existência encarnada** um fator essencial da base pessoal. Para a concepção mounieriana, o “homem é, com igual direito, corpo e espírito, todo ele ‘corpo’ e todo ele ‘espírito’” (MOUNIER, 2010, p. 23, grifo do autor). Burgos (2018) argumenta que o homem não é apenas espírito, mas espírito encarnado, o que não é algo negativo ao estilo platônico, mas seu modo de ser real, com seus limites e com seus aspectos positivos.

Existe a preocupação em Mounier (2010) de acabar com o que chamou de **pernicioso dualismo**<sup>7</sup>, ou seja, a separação entre corpo e espírito, “tanto na nossa

---

<sup>7</sup> Em certo sentido, segundo Mounier (2010), esse dualismo é um resquício do desprezo dos gregos pela matéria. “Foi antes o desprezo dos gregos pela matéria que se transmitiu de século em século até aos nossos dias, cobrindo-se de falsas justificativas cristãs” (MOUNIER, 2010, p. 24). Vale ressaltar que alguns filósofos gregos antigos, que muito influenciaram nossa cultura ocidental,

maneira de viver, como no nosso pensamento” (MOUNIER, 2010, p. 24). Esse é um dos aspectos que mostram a influência do pensamento cristão sobre o pensamento personalista. No Cristianismo, o Espírito<sup>8</sup> se torna carne no contexto da encarnação de Cristo; espírito e corpo aí são um. O corpo não mais é visto como algo negativo, mas é elevado ao Espírito, que ao mesmo tempo desce a ele, ficando, então, presente no mundo. Essa compreensão da encarnação de Cristo, um ser espiritual que desce à Terra se fazendo carne, desemboca no pensamento de que “a encarnação não é uma queda” (MOUNIER, 2010, p. 24). Dessa forma, corpo e espírito, no homem, não estão em contraposição, mas em união: “*existo subjetivamente, existo corporalmente* – são uma só e mesma experiência” (MOUNIER, 2010, p. 31, grifo do autor).

Para Mounier (2010), o “homem é, com igual direito, corpo e espírito, todo ele ‘corpo’ e todo ele ‘espírito’” (MOUNIER, 2010, p. 23, grifo do autor). Ou seja, a pessoa é indivisivelmente corpo e espírito. Quando o autor afirma que o homem é espírito, é no sentido de que o espírito “designa simultaneamente o pensamento (*noûs*), a alma (*psyché*) e o sopro da vida” (MOUNIER, 2010, p. 24, grifo do autor), fundindo-se em uma existência encarnada, ou seja, em um corpo. Assim, a encarnação da pessoa no personalismo significa a caracterização desta como ente temporal espiritual, e não como entidade sobrenatural (alma) que vem sobre um corpo físico e o penetra para nele habitar.

O que realmente acontece é que, com seus fundamentos cristãos, o autor entende que o homem é um ser natural, que, pelo corpo habita em uma natureza que já existia antes dele, em vez de ser uma alma etérea que assume uma porção material. Dessa forma, destaca-se que corpo encarnado não é uma queda, valorizando o aspecto material do homem, sem, contudo, absolutizar o material:

A natureza – natureza exterior pré-humana, inconsciente psicológico, participações sociais não personalizadas – não é o mal do homem: a encarnação não é uma queda. Mas como é o lugar do impessoal e do objectivo, é uma *ocasião* permanente de alienação. O homem encontra-se como que sitiado entre uma e outra. O marxismo tem razão ao pensar que o fim da miséria material é o fim de uma alienação, e uma etapa necessária ao desenvolvimento da humanidade. Mas não é o fim de toda a alienação, mesmo ao nível da natureza (MOUNIER, 2010, p. 24, grifo do autor).

---

contribuíram para esse desprezo pela matéria, porém não são todos, como, por exemplo, para os estoicos e atomistas a matéria era o principal.

<sup>8</sup> Aqui nos referimos ao Espírito sendo a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade de acordo com a fé cristã. A noção de encarnação em Mounier está vinculada ao humanismo cristão e configura-se em uma visão antropológica do ser humano, a partir da referência do pensamento judaico-cristão, ou seja, a partir da referência a Cristo e sua encarnação na história.

Essa revalorização do corpo é importante: a corporeidade<sup>9</sup> entra no personalismo como uma realidade pessoal, isto é, como a superação de uma visão meramente biológica sobre a qual incidiria o espírito. Burgos (2018) destaca que o corpo é a dimensão somática da pessoa e, sendo assim, é inseparável dela; afinal não pode existir corpo sem pessoa.

Porém, Mounier (2010) alerta que somos uma **ocasião** permanente de alienação. É evidente que estamos em uma sociedade que apresenta um processo contínuo de desumanização, em que a preocupação com o ser humano não é prioridade. A atual organização social valoriza o capital; e este tem sido compreendido como condição de humanização. Nessa perspectiva, nós nos tornaríamos humanos na medida em que possuíssemos e detivéssemos bens e meios de produção. Como destaca Albernaz (2014), ao “voltarem-se às condições de humanização do homem para a posse desenfreada dos bens materiais, esquecem-se da existência de uma vida de interioridade, que é uma vida de elevação axiológica do humano” (ALBERNAZ, 2014, p. 19). Nesse contexto, lemos que:

[...] a solução biológica ou económica de um problema humano, por próximo que esteja das necessidades elementares, é incompleta e frágil, se não se atender às mais profundas dimensões do homem. O espiritual é também uma infra-estrutura. As desordens psicológicas e espirituais ligadas a uma desordem económica podem minar, durante muito tempo, as soluções alcançadas no plano da economia. E a estrutura económica mais racional, se for estabelecida com desprezo das exigências fundamentais da pessoa, traz em si a sua ruína (MOUNIER, 2010, p. 30).

Dessa forma o ser humano que se tem formado é aquele do acúmulo de riquezas, individualista e, portanto, fechado à comunhão. Esse fechamento provoca uma pobreza nas relações (consigo, com os outros e com Deus) e, conseqüentemente, uma alienação desumanizante. Assim é a pessoa: encarnada num lugar, engajada em um tempo e entre homens. Porém, o homem, sendo um ser natural, vai muito além de um ser natural: transcende<sup>10</sup> a natureza. O homem, portanto, como destaca Moix (1968), “não se reduz a um conjunto de funções ou

---

<sup>9</sup> Para tematizar adequadamente essa concepção é necessário sublinhar a unidade corpóreo-psíquico-espiritual que permite à pessoa manifestar-se como pessoa através de seu corpo. Esse tema da corporeidade foi mais desenvolvido por diversos outros estudiosos como Marcel, Stein, Marias e Wojtyła (BURGOS, 2012).

<sup>10</sup> Trataremos da transcendência de forma mais completa no item 3.3.6 Pessoa e Transcendência.

reflexos combinados” (MOIX, 1968, p. 135), pois, afinal, a transcendência do homem em relação à natureza se mostra: “Só ele [o homem] conhece este universo que o submerge, e só ele o transforma” (MOUNIER, 2010, p. 26). Mounier (2010) ainda acrescenta:

Não posso pensar sem ser, e ser sem o meu corpo: estou por ele *exposto* a mim próprio, ao mundo, a outrem, é por ele que me esquivo à solidão de um pensamento que seria tão-só pensamento do meu pensamento. Ao recusar deixar-me inteiramente transparente a mim mesmo, ele lança-me sem cessar para fora de mim, para a problemática do mundo e das lutas do homem. Pela solicitação dos sentidos, ele arroja-me para o espaço, pelo seu envelhecimento ensina-me a duração, pela sua morte enfrenta-me com a eternidade. Faz pesar a sua servidão, mas ao mesmo tempo está na raiz de toda a consciência e de toda a vida espiritual. É o mediador omnipresente da vida do espírito (MOUNIER, 2010, p. 31, grifo do autor).

Sendo assim, Mounier (2010) destaca a ligação dialética da matéria à consciência, uma vez que existimos subjetivamente e existimos corporalmente. Ele nos explica que a pessoa é “um dentro que carece do fora” (MOUNIER, 2010, p. 63), ou seja, na dialética personalista não há busca da conciliação de teorias, nem afirmações imediatas, paixões subjetivas ou direção exterior; mas é um movimento contínuo de interioridade, exterioridade e rupturas. Nessa perspectiva, a pessoa não deve ser vista como uma argila sobre a qual colocamos nossas ideias e convicções. A pessoa é um movimento dialético de aceitação e de recusa, de silêncio e de manifestação.

### 3.3.2 Pessoa e Comunicação

A experiência mais importante da pessoa “não é a separação, mas a comunicação” (MOUNIER, 2010, p. 37). Sendo assim, a busca do personalismo de Mounier (2010) é **descentrar o ser humano** do individualismo e colocá-lo em **abertas perspectivas**. Dessa forma, a comunhão configura um aspecto essencial para a construção da pessoa. O autor destaca que a pessoa surge como uma presença dirigida para o mundo e para as outras pessoas: “as outras pessoas não a limitam, fazem-na ser e crescer. Ela só existe no movimento para outrem, só por outrem se conhece, só noutrem se encontra” (MOUNIER, 2010, p. 40).

Nessa direção, a comunicação é entendida como fato primitivo, uma vez que a experiência primitiva da pessoa se dá na comunicação com a segunda pessoa.



Quando eu me coloco diante do **Tu**, eu me abro à comunicação, pois encontro no **Tu** o **nós**; que é anterior ao **eu**. Dessa forma, Albernaz (2014) esclarece que “a pessoa em mim se constrói por meio do *Tu*, no nós, ou seja, é com o *Tu* que me construo a mim mesmo no outro” (ALBERNAZ, 2014, p. 55, grifo do autor).

Quando negamos a comunicação, tornamo-nos seres estranhos a nós mesmos, nos esquivamos de nossa vocação intrínseca, que é a vocação para a humanização:

Quando a comunicação afrouxa ou se corrompe, perco-me a mim mesmo profundamente: todas as loucuras são um fracasso da relação com outrem – *alter* torna-se *alienus*, torno-me, por minha vez, estranho a mim próprio, alienado. Quase se poderia dizer que só existo na medida em que existo para outrem e, no limite, ser é amar (MOUNIER, 2010, p. 40, grifo do autor).

Nesse sentido, como destaca Moix (1968), “o outro me ajuda a tornar-me eu mesmo”, pois, afinal, “a comunicação só começa com o sentido do outro, que é o respeito do outro” (MOIX, 1968, p. 145). Desse modo, pessoa é uma existência capaz de transcender o seu próprio universo. Transpor os muros do nosso próprio mundo é se colocar numa postura de abertura, despojamento e acolhimento.

Para o personalismo, tomar o ser humano como pessoa é considerá-lo como ser que se constrói na história, como ser situado, ser de comunicação. Isso indica que o personalismo, ao apostar no ser humano, está também apostando na comunidade (PEIXOTO, 2010).

O personalismo de Mounier é comunitário, pois ele insiste na importância da comunidade para a existência da pessoa. Burgos (2018) destaca que nem toda agrupação de pessoas constitui uma comunidade no sentido personalista: é preciso relacionar-se de tal maneira que se crie um **nós**, fruto da vivência de um projeto comum. Uma comunidade não pode ser apenas constituída por laços utilitários ou interesseiros; mas por laços pessoais, porque estão formados por relações **tu-eu** vividas em plenitude e cimentadas no amor.

### 3.3.3 Pessoa e Recolhimento

Vimos que a pessoa é um ser voltado para a comunicação e, assim, para os outros. Porém, não podemos deixar de evidenciar que um dos aspectos importantes no ser humano é, também, o fato de ele ser um ser de interioridade, de reflexão, o que

o torna capaz de planejar e projetar sua ação. Mounier (2010) aborda a **conversão íntima** como um elemento pertencente à estrutura do universo pessoal. O termo não consiste em uma conversão de religião, ou algo como uma troca de moeda, uma coisa pela outra, mas num **recolhimento**, o qual “não é o oposto do movimento de comunicação, mas uma pulsação complementar” (MOUNIER, 2010, p. 53).

“O ato de recolhimento possibilita ao homem um encontro consigo” (PEIXOTO, 2009, p. 42). Desse encontro se desenvolve a consciência de uma existência encarnada, ou seja, consciência do homem como ser de relações, de transcendência e, assim, como ser histórico. O recolhimento, portanto, é uma condição necessária ao homem para que desenvolva a sua dimensão humana e acolhedora: **ser-para-o-outro**. Mounier (2010) afirma que o homem que não busca a vivência de sua interioridade:

[...] pode viver à maneira de uma coisa. Mas, como não é uma coisa, semelhante vida surge-lhe sob o aspecto de uma demissão: é o “divertimento” de Pascal, o “estádio estético” de Kierkegaard, a “vida inautêntica” de Heidegger, a “alienação” de Marx, a “má fé” de Sartre (MOUNIER, 2010, p. 53, grifo do autor).

A partir dessas considerações, façamos uma análise da distinção entre **indivíduo** e **pessoa**. Moix (1968) afirma que não se pode separar o indivíduo da pessoa, pois, nesse caso, atribuir-se-á ao indivíduo tudo aquilo que está no âmbito da matéria, e a pessoa tornar-se-ia uma espécie de existência angélica. Contudo, não se pode negar que há uma tensão entre dois movimentos internos: um de dispersão e outro de concentração, afinal, é a vocação da pessoa “centrar-se, desabrochando” (MOUNIER, 2010, p. 59). Tornamo-nos pessoas na medida em que nos desprendemos do indivíduo, e é nesse desprender-se que se dá a conversão íntima, até que alcancemos o estágio de pessoa:

A vida pessoal começa com a capacidade de cortar o contacto com o meio, de se reaver, de se recuperar, **a fim de se reunir num centro, de se unificar**. À primeira vista, este movimento é um movimento de recuo. Mas este recuo não passa de um tempo de um movimento mais complexo. Se alguns nele se detêm e contorcem, interveio uma perversão. O importante não é, de facto, o recuo, mas a concentração, a conversão das forças. **A pessoa recua apenas para melhor saltar** (MOUNIER, 2010, p. 54, grifo nosso).

Dessa forma, percebemos o movimento dialético da existência pessoal: movimento de interiorização e movimento de exteriorização; mas Mounier (2010)

alerta: “ambos lhe são [para a existência pessoal] essenciais”, porém “ambos podem enquistá-la<sup>11</sup> ou dissipá-la” (MOUNIER, 2010, p. 61). No movimento de interiorização, ao encontrar o centro orientador da própria vida, dando sentido à própria existência, a pessoa se abre, em um movimento de exteriorização, para uma relação mais plena com as outras pessoas. Dessa forma, a pessoa se compromete com as outras pessoas: “a unidade de um mundo de pessoas só se pode obter na diversidade das vocações e na autenticidade das adesões” (MOUNIER, 2010, p. 61).

Para um cristão, o termo vocação tem sentido pleno, pois acredita no chamado – *vocatio* – envolvente de uma Pessoa: Deus. “Mas para definir uma posição personalista, basta pensar que toda pessoa tem um significado tal que ela não pode ser substituída no lugar que ocupa no universo das pessoas” (MOUNIER, 2010, p. 60). Cada homem deve descobrir qual é, para ele, o seu centro ou princípio, e agir de modo coeso, isto é, em consonância com o que considera seu centro, pois como afirma Mounier (2010) “o homem só vive bem quando vive integralmente consigo” (MOUNIER, 2010, p. 61). Assim, consegue conferir unidade e sentido à vida, porque descobre qual é seu lugar e sua missão no mundo:

A vocação. – Recolhendo-se para se encontrar, depois dilatando-se para se enriquecer e, mais uma vez, se encontrar, recolhendo-se de novo no despojamento, a vida pessoal, sístole, diástole, é a busca até à morte de uma unidade pressentida, desejada e nunca realizada (MOUNIER, 2010, p. 60).

Sendo assim, a vocação se assemelha ao movimento do batimento cardíaco, o movimento de pulsar, marcado por uma alternância entre dilatação (diástole) e contração (sístole). É algo intrinsecamente pessoal que faz parte de um movimento de conversão íntima e que destaca a eminente dignidade da pessoa por ser única e dotada de um chamado irrepitível.

A pessoa, enquanto ser encarnado, é chamada a ser um **quem** único, dotado de uma vocação. Esta, segundo Burgos (2018), é o princípio de “unificação progressiva de todos os meus atos, e, mediante eles, de minhas situações: é o ato próprio da pessoa” (BURGOS, 2018, p. 91). Segundo Mounier (2010), a vocação pode ser tratada como um **chamamento silencioso**. Para Albernaz (2014) é “aquela voz

---

<sup>11</sup> Segundo o dicionário Michaelis, enquistar significar criar ou formar cisto. Nesse sentido, podemos entender que o verbete trata-se de uma metáfora para mostrar que o movimento de interiorização sem o movimento de exteriorização pode ser prejudicial à pessoa (MICHAELIS, 2021).

no íntimo que vai aos poucos elucidando a identidade do sujeito e traduzindo a sua vida” (ALBERNAZ, 2014, p. 65).

Porém, como nos lembra Moix (1968), essa vivência da interioridade “não é sempre pura”, pois quando “o recolhimento torna-se ruminação, instala-se o egocentrismo” (MOIX, 1968, p. 162). Para Mounier (2010), o mal do século é justamente este: indivíduos voltados para si mesmos, porém, desenraizados – individualistas:

O homem ocidental, desde o século XV, deslizou continuamente nesta ravina. Todo o valor foi arrastado para o teatro sofisticado de Narciso: a santidade e o heroísmo para a glória e o sucesso, a força espiritual para o gosto da inquietação, o amor para o erotismo, a inteligência para o ‘espírito’, a dialéctica para a astúcia, a meditação para a introspecção, a paixão do verdadeiro para as mais pérfidas ‘sinceridades’ (MOUNIER, 2010, p. 62, grifo do autor).

A vida pessoal só é possível no homem total: espírito e carne. Mounier (2010) nos lembra, ainda, que “*é preciso sair da interioridade para fomentar a interioridade*”, afinal a pessoa é “um dentro que carece do fora” (MOUNIER, 2010, p. 62, grifo do autor). Nesta dinâmica, Albernaz (2014) esclarece que “a força que o recolhimento pessoal fornece a uma reorientação interior seguida da exteriorização [...] é o pulsar da comunicação que objetiva se aprimorar a si mesma” (ALBERNAZ, 2014, p. 66).

### 3.3.4 Pessoa e Afrontamento

O movimento de exteriorização coloca a pessoa na perspectiva do afrontamento. “A pessoa expõe-se, exprime-se: apresenta a cara, é rosto. O termo grego mais próximo da noção de pessoa é *prósopon*: aquela que lança o olhar em frente, que defronta” (MOUNIER, 2010, p. 65, grifo do autor). Diante dessas afirmações sobre a pessoa, percebemos que se fazem necessárias atitudes de oposição e de proteção próprias à sua condição: atitude de ruptura e de protesto que caracteriza o comportamento humano. Moix (1968) reflete que “pela conversão íntima a pessoa se prepara mais eficazmente para a existência autêntica [...] existência que é luta” (MOIX, 1968, p. 163), e por assim ser, exige afrontamento.

Em que consiste esse afrontamento? Albernaz (2014) nos esclarece que o “afrontamento envolve a singularização do indivíduo, gerando rupturas, protesto, força, afirmação e todos os elementos irreduzíveis da pessoa” (ALBERNAZ, 2014, p.

67). Dessa forma, se é verdade que nos afirmamos opondo-nos, essas rupturas tem um grande valor: “a ruptura e escape<sup>12</sup> são categorias essenciais da pessoa” (MOUNIER, 2010, p. 67).

“Existir não é apenas dizer sim, é também recusar” (MOIX, 1968, p. 164). Nesse processo, a pessoa toma consciência de si, de sua autonomia e, também, de sua força. A pessoa afirma-se, ao exprimir-se como é. Não importa se ela deve recusar algo para se afirmar, pois a recusa faz parte da existência e tem também o seu valor. O valor não está em fugir da força que lhe se opõe, mas sim em transfigurá-la e impedir que ela se torne violência (MOIX, 1968). Como lemos:

O amor é luta; a vida é luta, contra a morte; a vida espiritual é luta, contra a inércia material e o sono vital. A pessoa toma consciência de si, não num êxtase, mas numa luta de força (MOUNIER, 2010, p. 69).

Nessa perspectiva, entendemos a força como oposição, como luta pelos direitos, como resistência; sendo fundamental para que ocorram as mudanças que desejamos. Como nos esclarece Peixoto (2009), para Mounier, “o conflito é a mola propulsora de toda a realidade histórica” (PEIXOTO, 2009, p. 45). Apresentar a realidade sem conflito é ignorar as suas contradições, o que só leva à hipocrisia:

[...] é-se ‘contra a luta de classe’, como se houvesse progresso social sem luta; é-se ‘contrário a violência’, como se, de manhã à noite, não se realizassem actos de violência cega, como se não participássemos, por gestos entrepostos, nos assassínios difusos da humanidade (MOUNIER, 2010, p. 69, grifo do autor).

Para Mounier, a maioria dos homens prefere sujeitar-se à escravidão com segurança do que ao risco na independência, prefere a ilusão de uma segurança material do que se aventurar pela liberdade humana. Por isso, o afrontamento, a revolta, a recusa à domesticação, a resistência à opressão, enfim, a atitude de força diante da realidade é sinal de quem assumiu-se como pessoa (MOUNIER, 2010).

---

<sup>12</sup> Na tradução que usamos para o Português de Portugal, usa-se esse termo escape; porém, comparando com o original e outras traduções, achamos melhor compreender esse termo como reviravolta (PEIXOTO, 2009).

### 3.3.5 Pessoa e Liberdade

No contexto do universo pessoal, a liberdade nos é colocada em lugar de destaque, mesmo que seja compreendida de maneira bastante diversa pelos seres humanos. Mounier, ao escrever sobre a liberdade, inicia a sua proposição criticando as formas de pensá-la e se perguntando sobre o porquê de tantas controvérsias:

A liberdade tem inumeráveis amigos. Os liberais apresentam-se como os seus campeões encartados. Mas os marxistas, aos quais a disputam, pretendem preparar contra eles o “verdadeiro reino da liberdade” por detrás da sua ilusão. Existencialistas e cristãos colocam-na no coração das suas perspectivas, não a mesma, nem a mesma que as outras duas. Porquê tanta confusão? (MOUNIER, 2010, p. 73, grifo do autor).

Na sua resposta, ele evidencia a necessidade de tratá-la na estrutura total da pessoa: “Porque a liberdade, sempre que é isolada da estrutura total da pessoa, se degrada para uma aberração qualquer” (MOUNIER, 2010, p. 73). Nesse sentido, o homem sem liberdade não passa de um brinquedo, de um objeto nas mãos dos outros. A liberdade só existe porque é vivida por alguém, afinal, a “liberdade é afirmação da pessoa, vive-se, não se vê” (MOUNIER, 2010, p. 73).

Albernaz (2014) nos esclarece que no mundo há coisas ou situações que acontecem, e que “não se pode instalar nelas a liberdade, nem na ciência como perspectiva de desenvolvimento, ou na superação do determinismo da natureza” (ALBERNAZ, 2014, p. 70). Ou seja, a pessoa é condicionada e limitada pela situação concreta, mas nem por isso deixa de ser livre: “A liberdade não se obtém contra os determinismos naturais, conquista-se para lá deles, mas com eles” (MOUNIER, 2010, p. 74). Eis a implicação da liberdade **sob condições**: a liberdade está em condições de dependência entre o eu, o outro e a natureza, ou seja, na condição total da pessoa: “A pessoa é que se torna livre, depois de ter escolhido ser livre” (MOUNIER, 2010, p. 75).

Ser livre é, portanto, aceitar estas condições e, apoiado nelas, construir a própria existência. Sendo assim, a pessoa ser livre, como tal, deve respeitar a liberdade do outro, pois uma pessoa livre “cria à sua volta liberdade, por uma espécie de leveza contagiosa” (MOUNIER, 2010, p. 77). Portanto, a liberdade não está “presa ao ser pessoal como uma condenação; é-lhe proposta como uma dádiva. Aceita-a ou recusa-a” (MOUNIER, 2010, p. 76). Para o personalismo, o homem como pessoa é

aquele que não a recusa, assumindo a própria vida, num processo de personalização de si e dos outros. Nesta perspectiva, lemos que:

O homem livre é um homem que o mundo interroga, e que responde: é o homem responsável. A liberdade, neste fim, não isola, une; não funda a anarquia, é, no sentido original destes termos, religião, devoção. Não é o ser da pessoa, mas o modo como a pessoa é tudo o que é, e o é mais plenamente do que por necessidade (MOUNIER, 2010, p. 82).

Como a “liberdade absoluta é um mito” (MOUNIER, 2010, p. 75), a pessoa precisará escolher, pois, ao fazer as suas escolhas, estará afirmando-se. Contudo, não basta escolher, é preciso saber aquilo que se escolhe. A liberdade de escolher é sempre acompanhada de uma livre adesão, de forma responsável. Moix (1968) nos esclarece que o fato da condição humana ser constituída, ao mesmo tempo, de “alegria existencial e tensão trágica, faz das pessoas seres de resposta, responsáveis” (MOIX, 1968, p. 170). Esta livre adesão deve abranger a totalidade do indivíduo, só assim se poderá dizer que se está verdadeiramente livre.

### **3.3.6 Pessoa e Transcendência**

O personalismo não limita o ser humano ao mundo puramente material. Por isso, a transcendência aparece também como constituinte do universo pessoal. “Existirá uma realidade para lá das pessoas?” (MOUNIER, 2010, p. 85). Mounier inicia a discussão sobre a eminente dignidade presente na estrutura do universo pessoal com essa pergunta. Ele compreende que o duplo movimento que forma a pessoa – a exteriorização e a interiorização – não se fecha sobre ela, mas indica uma transcendência que habita entre nós, que se direciona para “uma realidade superior em qualidade de ser” (MOUNIER, 2010, p. 85).

Sendo a exterioridade e a interioridade pulsações complementares do ser pessoal, se isoladas, passam a ser instrumentos de despersonalização. Por isso, esclarece Moix (1968) “a tensão fecunda entre elas [exteriorização e interiorização] se realiza unicamente num movimento de superação a [sic] transcendência” (MOIX, 1968, p. 173). Nesse sentido, o homem pessoal não é feito para a adaptação e para a segurança, mas “para ir sempre mais longe” (MALEBRANCHE, apud MOUNIER, 2010, p. 87). Sem esta realidade que o impulsiona para o alto, o homem ou vegeta na mediocridade – a interioridade se dissolve em subjetivismo, a exterioridade, no

impessoal – ou, então, cai abaixo da animalidade: “Nenhum ser vivo, excepto o homem, inventou as crueldades e as baixezas em que ainda se compraz” (MOUNIER, 2010, p. 87).

Peixoto (2009) nos esclarece que a transcendência “se realiza em dois planos, quais sejam o plano humano e o plano divino”, sendo “esses planos complementares” (PEIXOTO, 2009, p. 48). No plano humano, que é o que nos cabe, ela se manifesta pela vivência dos valores, pois possibilita um sentido de universalidade. Porém, os valores não são considerados pelo personalismo como realidades absolutas; se assim fosse, desconsideraria o único Absoluto que é Deus, introduzindo-nos, assim, no plano divino: “O personalismo cristão vai até o fim: para ele, todos os valores se agrupam sob o apelo singular de uma Pessoa suprema” (MOUNIER, 2010, p. 88). Nesta compreensão está o valor absoluto como apelo à vocação humana de ser mais. Assim sendo, o valor imutável ou absoluto está para um ser em contínua mudança, em humanização. Mounier (2010) destaca que:

O ser pessoal é um ser feito para se ultrapassar. Assim como a bicicleta ou o avião só têm equilíbrio em movimento e para lá de uma certa força viva, assim o homem só se mantém de pé com um mínimo de força ascensional (MOUNIER, 2010, p. 87).

Dessa forma, Mounier (2010) compreende o valor como direção da transcendência, pertencente ao universo da liberdade em elevação pessoal. “A certeza do valor surge na plenitude da vida pessoal, esta é a prova do valor que gera um equilíbrio ascensional no movimento de ir além de si” (ALBERNAZ, 2014, p. 74). A pessoa não está orientada apenas por valores já estabelecidos, mas também cria novos valores pelos quais vive. Portanto, podemos dizer que não é possível pensar num movimento de personalização sem considerar as contribuições axiológicas: os valores “se incorporam num sujeito concreto, quer individual, quer coletivo” (ALBERNAZ, 2014, p. 74).

Sendo a pessoa feita para se superar a si mesma e sendo a transcendência um movimento para um transpessoal, o meio de atingi-lo será personalizar os valores: verdade, valores morais, valores religiosos, valores de arte, entre muitos outros. O desejo da plenitude do ser, expressado pelos valores, não se realiza na condição humana, mas é guiado por uma fé que ultrapassa qualquer experiência, pois, como



vimos, “todos os valores se agrupam sob o apelo singular de uma Pessoa suprema” (MOUNIER, 2010, p. 88). Isto é o que faz a eminente dignidade da pessoa humana.

Moix (1968), lembrando as contribuições do cristianismo para a noção de pessoa e da sua dignidade, afirma: “No mais íntimo da pessoa, do pecador como do justo, do incrédulo como do santo, há um ‘segredo do coração’ ao qual Deus só tem acesso” (MOIX, 1968, p. 175, grifo do autor). Ou seja, a pessoa, em sua condição humana, é excepcionalmente perpassada por ela, sendo mais que a sua própria vida: “Sou aspirado para outrem” (MOUNIER, 2010, p. 87). Como lemos:

O respeito da pessoa humana só, em segundo lugar, é o respeito da vida: o respeito da vida corre o risco de não extravasar o instintivo gosto de viver; a recusa de matar, de encobrir a repugnância em ser morto, enobrece por projecção. Ora, querer viver a todo o custo é aceitar viver, um dia, à custa das razões de viver. Só existimos definitivamente a partir do momento em que constituímos um canteiro interior de valores ou afeições, a cujo respeito sabemos que nem sequer a ameaça da morte prevalecerá contra ele (MOUNIER, 2010, p. 91).

### 3.3.7 Pessoa e Engajamento

O pensamento mounieriano evidencia que há um grande erro no pensamento contemporâneo quando se refere à ação: foi reduzida, segundo ele, a apenas um impulso utilitário. Para Mounier (2010), “uma teoria da ação não é, pois, um apêndice ao personalismo, ocupa nele um lugar central” (MOUNIER, 2010, p. 103). Nesse sentido, o engajamento pertencente à estrutura do universo pessoal chama à existência uma teoria da ação. É, justamente, pela ação que o homem se afirma como ser humano: “[...] o que não age não é” (MOUNIER, 2010, p. 103). Para existir plenamente, é preciso agir, assumir uma atitude de **engajamento**: “É ato ou não é pessoa” (MOIX, 1968, p. 176).

A pessoa da ação não está isolada, mas “a única ação válida é aquela em que cada consciência particular amadurece através da consciência total e do drama inteiro da sua época” (MOUNIER, 2010, p. 104). Albernaz (2014) nos explica que esse amadurecimento da pessoa “perpassa o ato de assumir o sentido humano, assegurando a cooperação das liberdades e das qualidades, e promove o controlar dos delírios e das mistificações que arrastam o indivíduo” (ALBERNAZ, 2014, p. 81). Esta dinâmica da ação não isolada é, portanto, o que contribui para a humanização do homem.

Mas o que esperamos da ação? Mounier (2010) vai responder a essa pergunta, evidenciando que não há ação que não esteja comprometida com a exigência de uma modificação da realidade exterior que forme as pessoas, as aproxime entre si, e que enriqueça seus universos de valores:

Que pedimos nós à ação? Que modifique a realidade exterior, que nos forme, nos aproxime dos homens ou enriqueça o nosso universo dos valores. Para sermos exactos, pedimos a toda a ação que responda, mais ou menos, a estas quatro exigências, porque todo o homem em nós se inclina para beber em cada um dos nossos actos (MOUNIER, 2010, p. 105).

Mounier explica que a ação tem quatro dimensões fundamentais: 1) a ação econômica, que tem por objetivo transformar e organizar a matéria, situa-se no ato de fazer (*poiein*), cuja principal finalidade é dominar e organizar uma matéria exterior e cujo critério próprio é a eficácia. O econômico, entendido como fabricação de bens, deve ser, contudo, acompanhado de uma preocupação ético-política, relativa à elevação da dignidade do homem; 2) a ação ética, vista sob o ângulo do agir (*prassein*) e que tem por finalidade a formação da pessoa; sua medida está na autenticidade, influenciando a ordem econômica e política; 3) a ação contemplativa, que é a atividade da pessoa que explora os valores (*teorein*), que longe de ser evasão da atividade comum, concerne ao homem integral. Sua finalidade é a “*perfeição e universalidade*” (MOUNIER, 2010, p. 108, grifo do autor). O contemplativo pode visar à eficácia direta: temos então a ação profética, que “assegura a ligação entre o contemplativo e a prática (ética + econômica) como a ação política entre a ética e a econômica” (MOUNIER, 2010, p. 109); 4) a ação coletiva, pois toda ação deve nos aproximar dos homens, porque a pessoa não vive isolada. De maneira mais geral, é a comunidade do trabalho, a comunidade do destino, a comunhão espiritual, que são os liames indispensáveis entre as pessoas para a instituição de uma comunidade de pessoas.

Dessa forma, a teoria do compromisso de Mounier apresenta dois polos: o **político** e o **profético**. A ação vinculada ao compromisso tem a preocupação da eficácia e da contribuição com uma vida espiritual. O homem, para o autor, demonstra incapacidade de realizar todas as suas possibilidades, e tende, então, a especializar a ação. Argumentando que:

Não se pode ser tudo ao mesmo tempo: mas a ação no significado corrente do termo, a que tem incidência na vida pública, não pode, sem se desequilibrar, ter uma base mais estreita do que o campo que vai do *pólo*

*político ao pólo profético. O homem de acção realizado é aquele que possui em si esta dupla polaridade e vai de um pólo ao outro, combatendo alternadamente para garantir a autonomia e orientar a força de cada um, e para estabelecer comunicações entre ambos (MOUNIER, 2010, p. 110, grifo do autor).*

Portanto, o engajamento é presença do ser humano no mundo e na história, o que significa estar disposto a enfrentar os riscos. “Recusar, por isso, o empenhamento é recusar a condição humana” (MOUNIER, 2010, p. 111). Como evidencia Peixoto (2009), para que “a ação engajada não seja um mero ativismo político, ela deve expressar uma relação dialética entre o polo profético e o polo político” (PEIXOTO, 2009, p. 50). Assim, o engajamento contribuirá para a promoção personalista e comunitária.

### 3.4 CONSIDERAÇÕES DA SEÇÃO

Dito tudo isso, concluímos que a noção de pessoa é, portanto, pessoal e comunitária, se configura em uma rede de elementos conectados pertencentes à estrutura pessoal – existência encarnada, comunicação, conversão íntima, afrontamento, liberdade sob condição, eminente dignidade e afrontamento –, que a compõe de modo unificador em totalidade de volume, comprimento, largura e profundidade, que constituem a corporificação da encarnação, da vocação e da comunhão. Evidencia Mounier (2010):

Ora, o homem singulariza-se por uma dupla capacidade de romper com a natureza, Só ele conhece este universo que o submerge, e só ele o transforma, ele, o menos armado e o menos poderoso de todos os grandes animais. É capaz de amor, o que é ainda infinitamente mais. O cristão acrescentará: foi tornado capaz e colaborador de Deus (MOUNIER, 2010, p. 26).

Assim, temos que o ser humano emerge da natureza, posto que é **encarnado**. Porém, o homem se diferencia dos outros seres, porque conhece a natureza e a pode transformar, sobretudo por meio da liberdade. Sendo assim, não se limita ao biológico da vida, pois o pode transcender, não só pela liberdade, inteligência e imaginação, mas muito além, sendo “capaz de amor” (MOUNIER, 2010, p. 26). Nesse processo, se descobre uma pessoa única, possuidora de uma eminente dignidade, que a impele ao compromisso e à conversão íntima. Através de uma **vocação**, o ser humano é chamado a viver em **comunhão** com outras pessoas, constituindo uma **comunidade**,

na qual interage por comunicação e afrontamento. Essa comunhão deve ser vivida consigo, com os outros e com Deus, afinal o ser humano é capaz de Deus<sup>13</sup> (*Capax Dei*).

Para alcançar o pleno desenvolvimento dessas dimensões – encarnação, vocação e comunhão – são necessárias determinadas ações e atitudes, como destaca Burgos (2018): “a meditação para descobrir a vocação, o compromisso para enfrentar o peso da matéria encarnada, e o desprendimento de si para poder viver a comunhão” (BURGOS, 2018, p. 92). Quando a pessoa se desenvolve na comunhão consigo, com os outros e com Deus, alcança sua realização mais plena no contexto de sua vida temporal: a abertura ao amor. Essa é, para Mounier, “a mais forte certeza do homem, o *cogito*<sup>14</sup> existencial irrefutável: ‘Amo, logo o ser é, e a vida vale (a pena ser vivida)’” (MOUNIER, 2010, p.43, grifo do autor).

Essa estrutura compreende o volume total do homem. Nela se cria e se arrisca a viver uma liberdade responsável em ação dialética em busca de humanização. Dessa forma, o personalismo de Mounier nos coloca diante de uma perspectiva humanizadora que promove o contínuo vir a ser, cada vez mais humano, mediante o despertar da pessoa – a personalização do homem. Esse **despertar da pessoa** deve ser, justamente, a meta de toda educação. É isso que abordaremos na próxima seção.

---

<sup>13</sup> Além da comunhão com o gênero humano e com as outras espécies do mundo, segundo Mounier (2010), levando essa compreensão ao personalismo cristão, o ser humano também é capaz de viver a comunhão com Deus e deve viver essa comunhão, afinal a dimensão religiosa do homem não pode ser negligenciada na constituição do ser total – a pessoa.

<sup>14</sup> O *cogito* cartesiano liga o pensamento à existência e, com isso, condena o indivíduo a permanecer ente, porque é incapaz de transcender-se. Em Mounier, porém, estamos diante da inversão desse *cogito* cartesiano: *cogito* se nutre de amor como possibilidade de realização do ser da pessoa (MOUNIER, 2010).

## 4 PERSONALISMO E EDUCAÇÃO

Como evidenciamos até aqui, o personalismo de Emmanuel Mounier se situa em um momento de crise de civilização e tem como principal meta **despertar pessoas**: condição fundamental para a instauração de uma nova civilização mais humana. O seu grande legado para a reflexão ético-política, que deve fundamentar esse projeto, é a sua concepção da pessoa humana como núcleo valorativo básico, como portadora de eminente dignidade. A dignidade humana é a referência nuclear da ação adequada à humanidade, a única base para nosso agir. Essa busca pela dignidade da pessoa faz do personalismo uma filosofia que não se contenta com a especulação sobre as estruturas do universo pessoal, mas busca a realização desse universo pessoal como marco de uma nova civilização.

Nesse sentido, há uma **orientação pedagógica** na obra mounieriana para que essa nova civilização seja possível. Segundo Paul Ricoeur<sup>15</sup> (1968) o personalismo é “uma pedagogia da pessoa e da vida comunitária” (RICOEUR, 1968, p. 138). Embora Mounier não tenha escrito nenhuma obra especificamente sobre educação, toda a sua obra reflete o caráter educacional, pois nos faz refletir sobre a existência humana – pessoal e comunitária – oferecendo contribuições e reflexões para se pensar o ser humano diante de uma sociedade desumanizada e, assim, buscar caminhos de humanização e promoção da dignidade da pessoa humana. É este caráter educacional do personalismo de Emmanuel Mounier que abordaremos nesta seção.

### 4.1 PERSONALIZAÇÃO DA RAZÃO

A razão moderna é fruto do projeto iluminista-liberal e suas vertentes têm sido a orientação hegemônica das sociedades ocidentais. Essa racionalidade tem procurado direcionar a ação do Estado, do mercado, das pessoas e das instituições em geral para os interesses do **capital**. Nesta perspectiva, essa **razão** assume uma orientação meramente instrumental (HABERMAS, 1983), direcionada para a produção, para a dominação, para a alienação e para a exploração. É uma ideia de razão que gerou “o imperialismo do objeto, a impessoalidade do conhecimento e a

---

<sup>15</sup> Paul Ricoeur foi um dos grandes colaboradores da revista *Esprit* e do próprio Mounier.

objetificação do próprio homem” (SILVA, 2015, p. 112). Na visão personalista, essa é a **razão despersonalizada**: a razão que anula a pessoa e afirma a desumanização.

No constituir histórico da nossa sociedade ocidental, foi sendo construída essa razão, que passou a orientar a ação do homem a fim de reduzi-la a uma função meramente técnica, voltada para a produtividade. Como observa Silva (2015), o maior triunfo operacional da civilização burguesa é a máquina, “pautada no conforto e no conformismo, em sua objetividade tem relegado o homem ao papel de um mero instrumento de produção, indivíduo subserviente e sem autonomia crítica” (SILVA, 2015, p. 114). Mounier (2010) também evidencia isso:

Só o homem inventa utensílios, os congrega, depois, num sistema de máquinas que modela um corpo colectivo para a humanidade. Os homens do século XX desnorream-se com este corpo novo e onipotente, que para si constituem. É verdade que o poder de abstracção da máquina é espantoso: ao romper os contactos humanos, pode levar a esquecer, mais do que qualquer outra força, os homens que ela mobiliza, que por vezes esmaga; perfeitamente objectiva, inteiramente explicável, desacostuma da intimidade, do segredo, do inexprimível; fornece meios inesperados aos imbecis; diverte-nos por excesso, para nos distrair das suas crueldades. Entregue ao seu peso cego, é uma força poderosa de despersonalização (MOUNIER, 2010, p. 34).

Conforme nos mostra Mounier (2010), esse projeto de racionalidade técnica foi construído para uma sociedade que, em sua universalidade e impessoalidade, **negligencia os indivíduos singulares**. Devido à crescente corrosão da subjetividade, a condição humana passou a ser pouco considerada diante da hegemonia da regulação das instituições por perderem de vista o próprio homem: fizeram do sujeito um objeto. No lugar da pessoa com todas as suas potencialidades, verdadeiramente livre e engajada, surgiu um indivíduo isolado, fragmentado e enfraquecido, que perdeu o controle da condução do desenvolvimento técnico e se viu perdido diante dos valores por ele enaltecidos, completamente alheios aos valores humanos.

Nesse sentido, mesmo a educação é absorvida pelo mecanismo técnico-capitalista, que faz dela apenas uma alma encarnada em instituições técnicas e formadoras essencialmente do *homo faber*; isto, justamente, para atender às demandas da produtividade e eficiência do mercado, destituindo-a do seu poder espiritual decisivo na constituição de um verdadeiro universo de pessoas. Dessa forma, “estabelece-se um **mercado de saberes** no qual a educação é colocada como mais um produto a ser vendido com êxito e de forma rápida no mercado de diplomas

e certificações” (SILVA, 2015, p. 128, grifo nosso). Somos influenciados pela ditadura dos números, dos dados estatísticos, dos *rankings* de maiores notas, dos indicadores, como se eles fossem capazes, por si sós, de expressar todas as ações humanas ou legitimar se determinada ação é válida ou não. No contexto educacional, é comum ver escolas que preparam, por exemplo, para o processo seletivo de ingresso ao Ensino Superior, tornarem-se máquinas de fazer calouros, quando estampam em sua publicidade o número de jovens que conseguem aprovação (ABREU, 2010). A gravidade disso advém do fato de que essa proposta de educação converte pessoas em **mercadoria humana** a ser preparada para render o máximo no processo de produção ou, pelo contrário, a ser descartada por incapacidade ou incompetência<sup>16</sup>.

Para o personalismo de Mounier, a educação originada dessa racionalidade técnica e utilitarista visa apenas a perpetuar as estruturas da sociedade capitalista: a visão individualista de riqueza, competição, ascensão e prestígio social. Essa racionalidade pensa, articula e institui a educação para a preservação da **desordem estabelecida**, que se expressa como uma ordem social excludente, desumana e, portanto, despersonalizadora. Toda razão e técnica, ao contrário, devem ter como objetivo a personalização, como lemos:

Unida, de início, à satisfação imediata das necessidades elementares, desviada depois por interesses parasitas ou entregue à sua própria embriaguez, a produção deve tornar-se uma actividade liberatória e libertadora, uma vez modelada por *todas* as exigências da pessoa. Sob esta condição, onde reina o primado do económico, ele é já um primado do humano. Mas a produção só tem valor mediante o seu fim mais elevado: o advento de um mundo de pessoas (MOUNIER, 2010, p. 34, grifo do autor).

Considerando os aspectos inalienáveis da estrutura do ser pessoal, o objetivo pedagógico de Mounier é resgatar a pessoa em sua inteireza, em uma proposta de educação como restauração do homem integral, não de redução das suas potencialidades. Sendo assim, a realidade da prática educacional hoje, burguesa e elitista, com seus ideais técnicos de eficácia e êxito, pautados pelo resultado numérico, deve ser repensada. Severino (2009) defende que:

À luz das referências filosóficas do Personalismo, a educação não pode ser concebida apenas como um processo institucional, seu lado visível, mas,

---

<sup>16</sup> Embora Mounier não tenha abordado diretamente o tema da educação inclusiva, o personalismo pode contribuir muito nas discussões atuais acerca da inclusão; afinal, somos pessoas dotadas de dignidade.

fundamentalmente, como um investimento formativo do humano, seja na particularidade da relação pedagógica pessoal, seja no âmbito da relação social coletiva (SEVERINO, 2009, p. 160).

Nesse sentido, o objetivo do personalismo de Mounier é descentrar a realidade regida pela impessoalidade da razão técnica e a educação baseada na utilidade e no individualismo e, assim, centrar-se na pessoa: livre, responsável e engajada na luta contra toda forma de opressão. Desse modo, o papel fundamental da educação será trabalhar o caráter do educando, a partir de novas perspectivas, diferentes dos valores burgueses, que o despertará para a liberdade e responsabilidade, possibilitando a transformação da visão de mundo dominante, em prol da constituição de uma comunidade de pessoas. Para esse despertar, devemos nos orientar por alguns princípios centrais das estruturas do universo pessoal – liberdade e responsabilidade. É o que veremos nos próximos tópicos.

#### 4.2 EDUCAÇÃO COMO DESPERTAR DA PESSOA

Na cultura ocidental, a educação foi sempre entendida como processo de formação. Formação entendida como um processo de **formação humana**, pois o ser humano não nasce pronto, tem necessidade de cuidar de si mesmo e do semelhante, buscando uma elevação, um estágio mais alto em sua humanidade, um princípio de aperfeiçoamento em seu modo de ser humano. Nesse sentido, a educação é um “devir humano como devir humanizador, mediante o qual o indivíduo natural devém um ser cultural, **uma pessoa**” (SEVERINO, 2006, p. 621, grifo nosso). A educação é uma ação que envolve ou que deveria envolver todas as áreas da existência humana. Considerando-a como processo formativo, é imprescindível saber as implicações dessa posição como ato personalizante e pessoal. Severino (2006) nos explica que:

A ideia de formação é, pois, aquela do alcance de um modo de ser, mediante um devir, modo de ser que se caracterizaria por uma qualidade existencial marcada por um máximo possível de emancipação, pela condição de sujeito autônomo. Uma situação de plena humanidade (SEVERINO, 2006, p. 621).

Muito se confunde educação com formação escolar. Formar educacionalmente indica “constituir, compor, ordenar, fundar, instruir, colocar-se ao lado de, desenvolver-se, dar-se a um ser” (SEVERINO, 2006, p. 621). A educação não é um processo simplesmente institucional ou instrucional, mas um comprometimento com a formação



do humano; seja em seu aspecto pessoal e pedagógico, seja no coletivo e comunitário.

À luz dessas considerações sobre a educação, a **formação personalista** caracteriza-se pela “formação da pessoa no homem, e do homem nas exigências individuais e colectivas do universo pessoal” (MOUNIER, 2010, p. 135). Albernaz (2014) nos esclarece que Mounier compreende a formação “não como o processo de dar forma, no sentido de forma em si, mas no de se criar condições – meios e situações – para o **despertar da pessoa**” (ALBERNAZ, 2014, p. 122, grifo nosso). Desse modo, Mounier (2010) se pergunta: “De que trata a educação? [...] qual o seu objetivo?” (MOUNIER, 2010, p. 136). Em seguida, ele mesmo responde:

Não é *fazer*, mas *despertar* pessoas. Por definição, uma pessoa é suscitada por apelo, não se fabrica por adestramento. A educação não pode, pois, ter por fim ajustar a criança ao conformismo de um meio familiar, social ou estatal, nem limitar-se a adaptá-la à função ou ao papel que, adulta, desempenhará. A transcendência da pessoa implica que a pessoa não pertence a ninguém, mas apenas a si mesma: a criança é sujeito, não é nem *RES societatis*, nem *RES familiae*, nem *RES Ecclesiae* [coisa da sociedade, da família, da Igreja]. Não é, contudo, sujeito puro nem sujeito isolado. Inserida em colectividades, forma-se por elas e nelas; se estas não são, a seu respeito, onipotências, são meios formadores naturais: a família e a nação, ambas abertas à humanidade, às quais o cristão acrescenta a Igreja (MOUNIER, 2010, p. 136, grifo do autor).

Assim, temos o sentido do pedagógico-educacional no personalismo. A pessoa, sendo encarnada, está constituída em uma comunidade<sup>17</sup>, é imergente na história e, ao mesmo tempo, transcendente ao dado histórico. Ela não pode ser objetificada, nem reduzida pelas instituições, justamente porque é maior que estas. O processo educacional deve ser uma convocação para se unir a crença à práxis, evidenciando a expressão da pessoa como ser situado e reflexivo de sua condição no mundo.

A meta da educação é, portanto, despertar pessoas. Não é uma simples fabricação de personagens por adestramento ou treinamentos, quer sejam familiares, sociais, profissionais ou similares, que comumente protagonizamos na sociedade atual. “Como se percebe, para Mounier, o engajamento da pessoa deve ocorrer mediante um processo pedagógico, que possibilita um esclarecimento, uma adesão consciente e radical e não uma adesão movida pela doutrinação” (PEIXOTO, 2009, p. 67). Abreu (2010) nos esclarece:

---

<sup>17</sup> A comunidade, para Mounier (2010), abarca a família, grupos comunitários, sindicatos, associações, clubes, instituições de ensino e instituições governamentais.

A pessoa não pode ser concebida, portanto, a um sistema de acomodação, assimilação, treinamentos, mas um lugar de transfiguração ao mais desconhecido dela mesma, onde estão implicados seus desejos e suas rejeições, seus amores e temores, seus ódios, seus gênios e suas faltas, ou seja, todas suas ações e reações diante do imprevisível que são todos igualmente exortação a decifrar e mensagens lançadas a serem entendidas. O que se quer é um despertar, uma livre adesão do espírito (ABREU, 2010, p. 133).

É justamente por isso que Mounier criticava a educação dos seus dias, pois era uma educação da não ruptura, da não decisão. Para ele, “a educação que hoje se reparte prepara muito mal para esta cultura da acção” (MOUNIER, 2010, p. 113). Para o autor, há toda uma cultura a se modificar por via do veio tensional, na direção da liberdade e do compromisso com uma cultura da ação. E justifica:

A Universidade distribui um saber formalista que impele ao dogmatismo ideológico ou, por reacção, à ironia estéril. Os educadores espirituais, com demasiada frequência, encaminham a formação moral para o escrúpulo e para o caso de consciência, em vez de a levarem ao culto da decisão. Há que modificar todo este clima, se já não quisermos ver, no plano da acção, os intelectuais a dar o exemplo de cegueira, e os conscienciosos, de frouxidão (MOUNIER, 2010, p. 113).

O autor propõe uma educação que não é instantânea, mas implica um longo caminho. Nela não há a brutalidade do poder, nem a pressão, mas há a possibilidade da formação da unidade de um mundo de pessoas. Considerando os aspectos inalienáveis da estrutura do ser pessoal, o objetivo pedagógico de Mounier é resgatar a pessoa em sua inteireza, em uma proposta de educação como técnica de restauração do homem integral, não de redução das suas potencialidades, afinal “o homem só vive bem quando vive integralmente consigo” (MOUNIER, 2010, p. 61). Como se vive essa inteireza? Promovendo a tomada de decisão com responsabilidade, o desenvolvimento da vocação e a comunhão em liberdade comprometida.

O centro de toda ação educativa personalista é o despertar da pessoa capaz de viver e **comprometer-se** como tal, no uso de sua liberdade e responsabilidade, sendo estes processos desenvolvidos de forma complementar e gradual. Devido à sua importância, esses aspectos serão aprofundados a seguir.

### 4.2.1 Educação para a liberdade

Como vimos, uma pessoa não pertence à própria família como um objeto e, por extensão, nem ao seu meio social, nem ao seu grupo de trabalho, nem à sua pátria, nem à sua Igreja (MOUNIER, 2010). Não podemos, sob o pretexto de salvaguardar o outro, submetê-lo às nossas deliberações e tiranias. Nenhuma instituição, organização ou estado têm o direito de se apropriar da pessoa para seus fins, independentemente de quais sejam. Pelo contrário, são as instituições que devem servir às pessoas, pois aquelas é que são feitas para estas. Nesse sentido, o princípio da educação personalista rejeita a posição totalitária<sup>18</sup> da escola quando esta esteriliza as possibilidades da criança e a submete a pensar a partir dos outros, a agir segundo uma palavra de ordem e a se contentar em viver em um mundo satisfeito e confortável ao modo capitalista.

Dessa forma, o primeiro princípio de uma educação personalista é a de afastar qualquer possibilidade de adaptação ou conformismo ao meio social e ao Estado, na medida em que se quer resgatar o significado de despertar pessoas para o exercício da liberdade. Por isso, “para o personalismo, a educação deve ser uma aprendizagem da liberdade” (PEIXOTO, 2009, p. 74). Sendo a liberdade “não o ser da pessoa, mas o modo como a pessoa é tudo o que é” (MOUNIER, 2010, p. 83), então, é indispensável que a educação a promova para a realização do aluno como pessoa. Nesse contexto, Mounier (2010) destaca que:

A nossa liberdade é a liberdade de uma pessoa situada, é também a liberdade de uma pessoa valorizada. Não sou livre apenas pelo facto de exercer a minha espontaneidade; torno-me livre, se inclinar esta espontaneidade no sentido de uma libertação, ou seja, de uma personalização do mundo e de mim próprio (MOUNIER, 2010, p. 80).

A liberdade, antes de ser manifestação, é interiorização, é um movimento interior, uma conquista contínua de nós mesmos como pessoas. “O sentido posto para o **eu** no recolhimento é de **libertação**, de recuperar o próprio ser na direção da humanização em comunidade de pessoas” (ALBERNAZ, 2014, p. 125, grifo nosso). Esse é o movimento que Mounier (2010) denomina de libertação e que, nas palavras

---

<sup>18</sup> Se, por um lado, Mounier afirma que a educação não pode ser totalitária, por outro, ela não pode deixar de ser total no sentido em que vê a pessoa por inteiro, integral, como um todo que dispensa fragmentações e separações. E, nisso, afirma que a educação jamais pode ser neutra como querem alguns adeptos de uma educação opressora e baseada em valores impessoais.

de Lorenzon (1996), “é um processo intra-subjetivo e transcendente, que possui raízes na pessoa física e social” (LORENZON, 1996, p. 63).

Por ser pessoa situada – contingente e histórica –, a pessoa é sempre um projeto, um devir contínuo, pois tanto o seu ser interior como o seu ser exterior estão em constante formação. Ser que é um vir-a-ser permanente, uma permanência aberta e livre: o ser do processo educativo. Sendo assim, a educação não pode ser um conjunto de regras e conhecimentos fixos, estáticos, idealisticamente traçados sem levar em conta a realidade concreta e histórica dos educandos. “[A]ssim, uma educação existencial, quer dizer, centrada numa pessoa concreta e situada, se recusará a idealizar, de maneira irrealista, o sujeito do processo educativo” (LORENZON, 1996, p. 63).

A educação, portanto, deve ser um mecanismo de garantia da manifestação e do desenvolvimento da dimensão pessoal, que, em última análise, é uma aprendizagem contínua da liberdade. Desse modo, a educação compreendida por Mounier não é algo instantâneo, mas um processo longo. Nela não há a brutalidade do poder, nem a coerção, mas a possibilidade da formação da unidade de um mundo de pessoas intercambiantes de experiências e conhecimentos. “Só sou verdadeiramente livre [...] quando todos os seres humanos que me rodeiam, homens e mulheres, forem igualmente livres” (MOUNIER, 2010, p. 77). Nessa nova forma de ser, o sentido comunitário se mostra imperativo, não se pode ser livre sozinho<sup>19</sup>.

Nessa direção, há um comprometimento da liberdade perpassada pela ação comunicativa. Aprender a liberdade implica pronunciar eu de modo relacional. “Ser [...] é amar. Mas ser é também afirmar-se” (MOUNIER, 2010, p. 70). Dizer **eu** requer uma organização, uma técnica, uma metodologia que afirme a pessoa em sua vocação fundamental, a qual é fazer escolhas e ser responsável por elas. É o que veremos a seguir.

---

<sup>19</sup> Essa condição em Mounier não corresponde a mera formalidade ético-política. Antes, refere-se a uma pressuposição dialética do autor, que entende que somente a liberdade de todos confere liberdade em relação ao sistema de vida comunitário. Caso o outro não seja livre, também não sou, pois a não liberdade do outro configura a execução de um papel meu no sistema, uma submissão na engrenagem social. Ex.: o rico representa o papel de retenção dos bens do pobre. Nesse sentido, o rico não é livre, mas uma peça central para a vida do sistema capitalista que faz uso do rico e do pobre para sustentar o protagonismo do capital (MOUNIER, 2010).

#### 4.2.2 Educação para a responsabilidade: engajamento

Para o personalismo, assumir a condição da pessoa é comprometer-se, é engajar-se na luta pela revolução personalista e comunitária; ou seja, é ser responsável. Nessa perspectiva, é possível uma educação engajada, uma educação que seja, ao mesmo tempo, uma crítica radical da desordem estabelecida e uma ação para dentro dos seus limites e possibilidades.

Sendo o fim último da educação personalista o compromisso de uma pessoa, os meios não podem ser usados com o objetivo simplesmente de formar para a técnica, para o civismo dos cidadãos, para o acúmulo de ensino ou para salvar uma aparência de cultura. Segundo Mounier (2010), é preciso educar para uma responsabilidade que desperte para o engajamento, afinal, a perfeição do universo pessoal é “a perfeição de uma liberdade aguerrida, e que combate de forma cerrada” (MOUNIER, 2010, p. 36). Sendo assim, a educação é um processo tensional entre a liberdade e o compromisso em uma pessoa, que se entrelaçam, ligando todos os envolvidos nesse processo vivencial contínuo de formação. As pessoas são tensionadas em suas liberdades pela responsabilidade formativa do despertar. Essa tensão conduz a pessoa à ação, que pode ser libertadora ou não. Somente a ação libertadora é personalizante e, por conseguinte, realizadora do ser pessoa.

Os ideais técnicos distanciam sujeito e objeto, conhecimento e mundo, teoria e ação, ora priorizando um em detrimento do outro, dependendo dos interesses em jogo, a fim de impedir a visão e a coesão do todo. Sendo assim, formam-se alguns para o exercício de tarefas intelectuais e outros para tarefas manuais: a educação personalista busca romper com essas dicotomias. Partindo do pressuposto de que o homem não é um espetáculo ou objeto de pensamento, mas um mistério vivo aqui e agora, um ser situado na história, a educação personalista aponta para a necessidade da integração responsável entre a teoria e a prática social e existencial.

Sendo assim, a “educação personalista tem por missão transformar-se em uma teoria da ação, a serviço da promoção da pessoa e da humanidade, e não se limitar a meras atividades especulativas cristalizadas em disciplinas de ensino, em sistemas de reprodução” (SILVA, 2015, p. 137). Nesse contexto, a educação deve elaborar projetos com relevância prática e social, levando primordialmente em consideração a promoção da pessoa, e não o desenvolvimento técnico pró-capital.

O amadurecimento de uma ideia ou ideal exige rigor crítico, percepção teórica e análise crítica, portanto, reflexivo e analítico. Alguém que pretenda desenvolver alguma transformação pessoal e social sem se ater ao rigor teórico e, por impaciência, suprimir este período de reflexão, transgride um princípio fundamental para uma ação personalista. Para conquistas na área social, política, espiritual e econômica, em favor do pobre, dos desempregados, oprimidos, uma ação ética, enfim, só poderá fazê-lo a partir de uma reflexão crítica, um compromisso personalizante de sempre analisar a realidade, aprofundar e estudar suas questões. Uma atitude impulsiva não provocará uma transformação autêntica. Dessa forma, a ação educativa situa-se entre dois polos: o **político** e o **profético**. Mounier (2010) evidencia que esses dois polos precisam coexistir na pessoa para que a sua ação seja eficaz. Lemos que:

O homem de acção realizado é aquele que possui em si esta dupla polaridade [polo político e polo profético] e vai de um polo ao outro, combatendo alternadamente para garantir a autonomia e orientar a força de cada um, e para estabelecer comunicações entre ambos. Na maioria dos casos, o temperamento político, que vive no acomodamento e no compromisso, e o temperamento profético, que vive na meditação e na audácia, não coexistem no mesmo homem. É indispensável às acções concertadas suscitar os dois tipos de homens e articulá-los entre si. De outro modo, o profeta desliza para a imprecação inútil e o tático mergulha nas intrigas (MOUNIER, 2010, p. 110).

Através do polo político se propõem ações justas na área da economia, ações empresariais e políticas que sejam efetivas, aplicáveis e práticas. Mas tais ações não podem vir dissociadas do polo profético, através da denúncia, da demarcação dos horizontes, mediante a meditação e a audácia. A finalidade da ação personalista é a busca de superação das crises instaladas, por meio de um processo dinâmico de resgate da pessoa em sua condição social e comunitária.

A partir dessas considerações, podemos analisar as quatro dimensões da ação, já tratadas anteriormente<sup>20</sup>, sob o prisma da ação educacional do professor: 1) o fazer (*poiein*), que consiste em dominar a técnica, a matéria exterior, aqui envolvendo o domínio dos conteúdos relacionados ao ensino: “é o domínio da ciência aplicada aos afazeres humanos” (MOUNIER, 2010, p. 106); 2) O agir (*prassein*), ação como obra de construção interior: “formar o agente, a sua habilidade, as suas virtudes, a sua unidade pessoal” (MOUNIER, 2010, p. 106). Esta tem como fim a ação ética na

---

<sup>20</sup> Conferir o item 3.3.7- Pessoa e Engajamento.

dimensão da autenticidade buscada tanto pelo professor como pelo educando. 3) ação *teorein*, diz respeito à ação contemplativa do homem, ou seja, do professor que “explora os valores” (MOUNIER, 2010, p. 109); pertence à ação profética, que “assegura a ligação entre o contemplativo e a prática (ética + económica), como a acção política entre o ético e a económica” (MOUNIER, 2010, p. 109). 4) A ação coletiva, que envolve toda a estrutura educacional, como comunidade de trabalho, de destino ou de comunhão espiritual em que se põe a teoria do compromisso da educação perpassada pelos polos político e profético. Nessa linha de pensamento, “o educador deverá ter ciência de que não desempenha apenas uma função, mas que é, antes de tudo, um testemunho” (LORENZON, 1996, p. 67).

Observamos, portanto, que há uma pedagogia formativa do cuidado quanto ao despertar da pessoa. Garantir a subsistência, estabilidade, permanência da preservação da vida e independência para com o fim de despertar a pessoa demonstra o conceito mounieriano do cuidado, que é justamente o potencial da experiência primitiva da pessoa, do **eu** no **tu** na experiência da segunda pessoa, no **nós**, ou seja, na pessoa em comunidade. Mounier (2010) entende que o cuidar é responsabilidade de todos e que parte tanto do particular para o geral, ou seja, da família, passando pela comunidade até ao Estado, quanto do geral para o particular. Na realidade, é um círculo de correspondência de responsabilidades. E, mais que isso, esse despertar gera na própria pessoa a responsabilidade, fazendo com que ela se engaje em uma ação comprometida com a comunidade.

#### 4.3 EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E COMUNIDADE

Percebemos, até aqui, que o centro de toda ação educativa personalista é o despertar da pessoa capaz de viver de forma comprometida, integrando a sua liberdade e a sua responsabilidade no âmbito comunitário. A constituição da pessoa em comunidade se dá pela “adesão a uma hierarquia de valores livremente adotados, assimilados e vividos em um compromisso responsável e em uma constante conversão” (MOUNIER, 1992, apud ALBERNAZ, 2014, p. 123). A comunidade é um espaço vivo de experiências muito importantes para a pessoa, pois as outras pessoas não a limitam; pelo contrário, a levam ao crescimento. Tanto o existir como o conhecer e o encontrar se dão mediante o outro. Em certo sentido, podemos dizer que a

“garantia do despertar a pessoa é o movimento de saída de si mesma” (ALBERNAZ, 2014, p. 118). Mounier (2010) nos evidencia isso:

Por experiência interior, a pessoa surge-nos também como uma presença dirigida para o mundo e para as outras pessoas, sem limites, misturada com elas, em perspectiva de universalidade. As outras pessoas não a limitam, fazem-na ser e crescer. Ela só existe no movimento para outrem, só por outrem se conhece, só noutrem se encontra. A experiência primitiva da pessoa é a experiência da segunda pessoa. O *tu*, e nele o *nós*, precede o *eu* ou, pelo menos, acompanha-o. É na natureza material (à qual em parte estamos submetidos) que reina a exclusão, porque um espaço não pode ser duas vezes ocupado. Mas a pessoa, pelo movimento que a faz ser, *expõe-se*. Por isso ela é, por natureza, comunicável, só ela própria o é (MOUNIER, 2010, p. 40, grifo do autor).

Nessa experiência interior, há uma linguagem em que o **eu** fala consigo mesmo mediado pelo objeto exterior e internalizado nele por meio da experiência, que é a “dialéctica interioridade-objetividade” (MOUNIER, 2010, p. 61). Desse modo, “[...] a pessoa é ela própria diálogo, na tensão entre liberdade e engajamento” (MOIX, 1968, p. 35). Assim se põe a necessidade da comunicação, do diálogo. O diálogo é outro importante elemento formativo presente no pensamento personalista de Mounier (2010). Dialogar é ação em pronúncia do eu no tu, constitutiva do nós. Desse modo, “a presença do outro, ou seja, a aceitação de outrem como um outro diferente de mim mesmo, é o fato primitivo da comunicação” (MOIX, 1968, p. 207). É um processo combatente ao individualismo burguês. Uma vez que é abertura para o outro, é saída de si, é compreender, é assumir, é dar, é ser fiel a si e ao outro em continuidade, pois “quase se poderia dizer que só existo na medida em que existo para outrem” (MOUNIER, 2010, p. 40).

É o diálogo que possibilita a dialéctica das relações pessoais, que “aumenta e confirma o ser [da pessoa]” (MOUNIER, 2010, p. 42). Pelo diálogo acontece a humanização e, assim, a personalização. Sendo assim, para Mounier (2010) a educação pode ser traduzida numa relação essencialmente do eu e do tu, porque pode e deve ser uma relação dialógica carregada de afetividade, de humanidade, na qual as pessoas se humanizam. “Ora, humanizar a pessoa é torná-la coexistente com o outro, é dar a possibilidade de educá-la com o outro, afastando-a de ser meramente um objeto que se classifica, rotula, ensina, transmite saber” (ABREU, 2010, p. 135). Peixoto (2009), porém, indica que essa postura dialogal não implica desvalorizar o conteúdo acadêmico, mas sim, dar um sentido a ele. Como lemos:



A educação personalista que apresenta a comunicação entre educadores-educandos, educandos-educandos e educadores-educadores não tem por finalidade tornar mais fácil e simplória a educação. Seu objetivo não é o de baratear, ou seja, não exigir rigor nas atividades de ensino, mas dar sentido ao rigor acadêmico. Esse sentido se consegue quando se dá ao educando a possibilidade de uma formação para o pensar, para o pensar humanizado, e não para a repetição; quando possibilita uma relação dialógica entre os sujeitos do processo educativo; quando não considera os alunos “massas”, mas pessoas. A educação nessa perspectiva é uma educação que leva em conta a realidade concreta do mundo, da escola, do educando e da própria história (PEIXOTO, 2009, p. 82, grifo do autor).

Nesse mesmo sentido, Lorenzon (1996) destaca que a “[...] relação pedagógica não pode ser concebida apenas como transmissão de mensagens e de saber, mas, especialmente, como comunhão e intercâmbio” (LORENZON, 1996, p. 37). Sendo assim, o processo de educação deverá caminhar no sentido de respeitar a pessoa em sua individualidade e, ao mesmo tempo, olhá-la como ser comunitário, em constante e permanente relação com pessoas e instituições. Afinal, a educação personalista é uma educação dialógica que recusa o verbalismo superficial, instiga a descoberta da realidade com suas contradições e desafios, estimula a fundamentação do saber, valoriza o desenvolvimento da pessoa, propõe o engajamento para superação da realidade, e, dessa forma, realiza-se na formação do homem como pessoa (ALBERNAZ, 2014).

#### 4.4 CONSIDERAÇÕES DA SEÇÃO

No percurso desta seção, pode haver quem pense que a educação-instrução, então, não é necessária. Na verdade, o que a educação de inspiração personalista defende é, simplesmente, não supervalorizar a necessidade da instrução como o único processo de educação válido ou como a educação principal e por excelência, afinal a escola não é o único meio para a educação. Mounier (2010) insistiu no fato de que a educação não se reduz ao contexto escolar, mesmo que a escola seja importante. Como lemos:

O problema da educação não se reduz ao problema da escola: a escola é um instrumento educativo entre outros, [...] não está encarregada de uma “instrução” abstracta, que se poderia definir fora de toda a educação, mas da educação escolar, sector da educação total (MOUNIER, 2010, p. 136, grifo do autor).

Em certo sentido, podemos afirmar que o personalismo espera da escola, para além da preparação para um ofício ou o desempenho de uma função social qualquer, que ela seja capaz de despertar a pessoa. E que consiga, por detrás da personalidade, do personagem ou da função social, “atingir a pessoa, respeitando-se sempre e acima de tudo o mistério de sua intimidade e a inviolabilidade de sua transcendência” (LORENZON, 1996, p. 67).

Dessa forma, valoriza-se a dignidade da pessoa humana, que é princípio da educação personalista pluralista: tornando comum o valor da dignidade no testemunho familiar, da escola, do educador, de comunidades e do Estado. E, ao mesmo tempo, solicitam-se novos valores temporais a serem constituídos e implicados pela liberdade e pelo compromisso. Assim, no pluralismo, há a diversidade de concepções, tendo como valor comum a dignidade humana.

Como vimos na seção anterior, o humanismo personalista de Mounier se caracteriza pela estrutura do universo pessoal, pois é a busca do volume total do homem, que envolve as dimensões da encarnação, da vocação e da comunhão<sup>21</sup>. A finalidade principal da educação e da escola, portanto, não consiste na aquisição de um montante de informações e habilidades, nem na preparação profissional ou no desempenho de uma função social, e sim no despertar da pessoa para a vivência plena de sua humanidade perpassada por essas três dimensões que constituem o volume total do indivíduo humano.

---

<sup>21</sup> Nesse sentido, a proposição curricular personalista tem como critério formativo esta estrutura nessa tríade, propondo como princípio formativo a pessoa a ser despertada. Sendo assim, nas séries iniciais, pela encarnação, aprende-se a viver a partir de um corpo e de uma cultura. Na encarnação, ainda, se dá um voltar-se para fora de si em experiências de vida de transformações psicológico-biológico-sociais na vocação. Nas séries posteriores, a pessoa se descobre portadora de um chamado e volta-se para si no sentido da compreensão desse chamado à sua potencialidade humana e um direcionar-se para fora de si na resposta ao chamado. E, por fim, na comunhão, o sentido da comunidade se põe como elemento comum em uma perspectiva de desenvolvimento da pessoa em afrontamentos e em comunicação (ALBERNAZ, 2014).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos traços marcantes da filosofia moderna consiste em ter imprimido no pensamento ocidental a virada antropológica que tornou o homem o centro da reflexão filosófica. Porém, essa virada antropológica não tocou de forma decisiva a noção de pessoa: não foi refletida sobre a presença de uma dimensão última, irreduzível, irrepetível, que torna cada sujeito da espécie humana um **quem** único.

O processo intelectual que chamou a atenção do Ocidente para a necessidade de transformar o sujeito anônimo racionalista em uma pessoa singular, que converteu um **quê** com natureza humana em um **quem** pessoal irreduzível, pode ser chamado de virada personalista da filosofia contemporânea, para o qual contribuíram praticamente todos os filósofos personalistas: Mounier, Marías, Marcel, Guardini, Polo, Zubiri, entre outros.

Emmanuel Mounier, sem dúvidas, foi aquele que deu vida e relevância ao movimento personalista. Neste trabalho, dedicamo-nos especificamente a ele, que possui uma ambivalência intrigante: indefinição e potência inspiradora. Por um lado, seus escritos se limitam pela indefinição. Possivelmente devido à sua morte prematura, seu pensamento não conseguiu alcançar uma sistematização esperada. A obra considerada mais madura foi, justamente, a que utilizamos aqui, **O personalismo** (2010), publicada em 1949. O brilho da exposição das suas ideias não é paralelo ao esforço sintético; algo que dificulta a construção de uma doutrina. Por outro lado, porém, esses mesmos escritos possuem uma potência inspiradora que nos permite pensar o homem de uma maneira mais humana e integral. E, também, nos permite recolher dados para a imensa tarefa de conferir ao personalismo as bases doutrinárias, que, a seu tempo, Mounier não conseguiu estruturar.

A humanidade jamais conseguirá superar seus graves problemas se não se decidir por apoiar-se numa concepção antropológica em que a dignidade do ser humano, enquanto pessoa livre e encarnada, seja referência norteadora de todas as suas ações, individuais e coletivas. Não se trata de elaborar novas metanarrativas, mas de reconhecer a dignidade humana como o valor fonte para as ações que constroem a história.

Mounier nos oferece um caminho para a retomada da condução dos fins e consequências do progresso técnico: o desenvolvimento do ser espiritual, viabilizado por uma educação personalista, comprometida com a formação de pessoas, não de

autômatos. Como para a visão personalista a pessoa é valor básico e mola propulsora do dinamismo social, o processo educacional se apresenta como um processo contínuo de personalização: a ação formativa é permanente.

Dessa forma, o projeto mounieriano implica a construção global de um novo homem, bem como de uma sociedade e civilização novas, a partir de uma intencionalidade pedagógica. Ele não se preocupa com a construção de um sistema filosófico, mas com a edificação de um sistema pedagógico engajado, com um conjunto de estratégias e ações práticas orientadas, sobretudo, para os problemas mais urgentes do nosso tempo, a partir da ação de homens mais humanos que os universais abstratos preconizados pelos frios ideais da letra revolucionária iluminista. Nesse contexto, a educação personalista propõe uma reestruturação dos valores que permeiam o universo do conhecimento, das vocações e das relações humanas, que hoje são técnicos, com ênfase na personalização da pessoa, que prevalecerá por toda sua vida.

Neste trabalho, partimos do despertar personalista, passando brevemente pelo seu contexto e pelas suas influências. Depois, discorreremos sobre a noção de pessoa em Mounier, a partir das estruturas do universo pessoal. E, por fim, analisamos as contribuições do personalismo para a educação. Dessa forma, foi possível perceber como é importante entender o ser humano enquanto pessoa, sobretudo no âmbito educacional. Nossa hipótese, de que o ser humano só se realiza e contribui de modo mais pleno para sociedade quando se assume e se desenvolve integralmente em uma comunidade como pessoa, foi corroborada. Um caminho ainda possível de investigação é compreender melhor como se dá esse processo de personalização em outras áreas, como a psicologia, a medicina, o direito, entre outras. E, ainda no campo filosófico, vale explorar as interfaces entre o personalismo e a Filosofia Político-social, a Ética e a Antropologia, por exemplo.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Verônica do Couto; DE SOUZA PARACAMPO, Vera. A proposta de educação personalista como caminho para a uma educação transformadora. **Revista Iluminart**, v. 1, n. 4, 2010. Disponível em: <<http://revistailuminart.ti.srt.ifsp.edu.br/index.php/iluminart/article/view/80>>. Acesso em: 16 jun. 2021.

ALBERNAZ, Mônica Ferreira. **Personalismo e a formação humanizadora: um estudo das contribuições de Mounier**. 2014. 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

BURGOS, Juan Manuel. **Introdução ao personalismo**. São Paulo: Cultor de Livros, 2018.

\_\_\_\_\_. É possível definir o personalismo? **Personalismo Mounieriano**. 2012. Disponível em: <<http://personalismomounieriano.blogspot.com.br/2012/02/e-possivel-definir-opersonalismo.html>>. Acesso em: 12 abr. 2021.

ENQUISTAR. In: **Michaelis On-line**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2021. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/enquistar/>>. Acesso em: 29 set. 2021.

HABERMAS, Jürgen. **Textos escolhidos**. Tradução Maurício Tragtenberg et al. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

LORENZON, Alino. **Atualidade do pensamento de Emmanuel Mounier**. 2ª ed. Ijuí: Unijuí, 1996.

KARL, Marx. **Teses sobre Feuerbach (1845)**. E-Book: Edição Ridendo Castigat Mores, 1999. Disponível em:<[www.jahr.org](http://www.jahr.org)>. Acesso em: 15 set. 2021.

MOIX, Candide. **O pensamento de Emmanuel Mounier**. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1968.

MOUNIER, Emmanuel. **O personalismo**. Tradução Artur Morão. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2010.

PEIXOTO, Adão José. **Pessoa, Existência e Educação**. Goiânia: Editora da UCG; Editora Alínea, 2009.

\_\_\_\_\_. Pessoa, existência e fenomenologia: notas sobre as concepções do personalismo de Emmanuel Mounier. **Revista de Filosofia Aurora**, v. 22, n. 31, p. 455-468, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/aurora/article/view/2518>>. Acesso em: 25 jun. 2021.

RICOEUR, Paul. **História e verdade**. Tradução F.A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Companhia Editora Forense, 1968.

SEVERINO, Antônio Joaquim. A busca do sentido da formação humana: tarefa da Filosofia da Educação. **Educação e pesquisa**, v. 32, p. 619-634, 2006. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/ep/a/rhVxLn4XhLWjYJKXB7grswG/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 10 ago. 2021.

\_\_\_\_\_. Humanismo, Personalismo e os desafios sociais da educação contemporânea. **Revista de Educação Pública**, v. 18, n. 36, p. 155-163, 2009. Disponível em: <<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/528>>. Acesso em: 10 ago. 2021.

SILVA, Patrícia Costa e. Racionalidade técnica e a formação na perspectiva do personalismo de Mounier. In: PEIXOTO, Adão José (Org.). **Personalismo e formação**: contribuições da Filosofia Personalista de Mounier para a formação. Curitiba, Editora CRV, 2015. p. 111- 150.